



Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 12 de Setembro de 1996 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1189 • Director: Carlos Brito

• Reportagens

Pág. 3 a 29

AMPLIAR O MOVIMENTO DE PROTESTO E DE LUTA



CARLOS CARVALHAS

Um novo fôlego na iniciativa
poder de atracção

ligação aos trabalhadores e acção do PCP

ALVARO CUNHAL

Não há alternativa possível sem o PCP

Editorial **O rumo da luta**



A Festa do Avante! confirma-se, mais uma vez, como um acontecimento político e cultural ímpar no País

RESUMO

4 Quarta-feira

António Guterres termina à sua visita à Polónia ■ No final do seu primeiro encontro, Yasser Arafat e Benjamim Netanyahu comprometem-se a continuar o processo de paz ■ Depois de um novo ataque com mísseis ao Iraque, Bill Clinton declara «cumprida» a missão americana contra Bagdad ■ A resolução «petróleo por alimentos» é suspensa, deixando os iraquianos desesperados ■ No Burundi, rebeldes hutus lançam um ataque contra posições do Exército, nos arredores da capital.

5 Quinta-feira

Começa a segunda fase dos exames nacionais do 12º ano ■ A população de Cabanelas pede que as crianças ciganas estejam em turmas separadas, na escola primária ■ É aprovado pelo Governo o decreto-lei que regulamenta os apoios à formação profissional co-financiada pelo Fundo Social Europeu ■ Boris Ieltsin divulga que vai ser operado ao coração ■ O presidente da República de Madagáscar é destituído pelo Tribunal Constitucional, que confirma a sua impugnação ■ No Burundi, o exército prossegue a sua campanha de «limpeza» nos arredores da capital para desalojar os rebeldes hutus ■ O primeiro-ministro israelita ameaça demitir os seus ministros que têm uma posição contra o encontro que manteve com Yasser Arafat.

6 Sexta-feira

Inicia-se a Festa do Avante!, na Quinta da Atalaia, no Seixal ■ Na Escola Básica do Fundão, um engenho de média potência mata uma pessoa e fere outras duas com gravidade ■ Na Tchetchénia, comemora-se o quinto aniversário da chegada ao poder de Djoka Dudaiev.

7 Sábado

O Sindicato e a Federação dos Enfermeiros reúnem-se com a ministra da Saúde, acordando que as negociações serão retomadas no dia 12 ■ O Conselho de ministros dos Negócios Estrangeiros da União Europeia condena o presidente iraquiano e diz que deseja que a resolução «petróleo por alimentos» seja aplicada ■ Termina o Festival de Cinema de Veneza.

8 Domingo

Termina a vigésima edição da Festa do Avante! ■ As forças curdas aliadas de Saddam Hussein conquistam mais duas localidades estratégicas no norte do Iraque ■ A população de Okinawa, no Japão, pronuncia-se em referendo a favor da redução das bases americanas naquela ilha ■ Mais de centena e meia de soldados russos abandonam a Tchetchénia.

9 Segunda-feira

Em carta aberta a Pacheco Pereira, Jorge Ferreira, líder distrital de Lisboa do PP, desafia o PSD a assumir a candidatura de Ferreira do Amaral - que diz apoiar - como candidato à Presidência da Câmara de Lisboa ■ Presidente da Associação Industrial Portuguesa apela à viabilização do Orçamento de Estado para 1997 ■ Duas centenas de pessoas das freguesias de Atiães, Parada de Gatim e Oleiros manifestam-se frente à Câmara de Vila Verde contra a instalação do aterro sanitário no concelho ■ Cidade de Suleimanich cai em poder dos curdos aliados de Bagdad ■ Bill Clinton diz que os Estados Unidos «tudo farão» para ajudar a fugir do Iraque os opositores de Saddam ■ O alto representante para a Bósnia, Carl Bildt, adverte que a comunidade internacional não permitirá qualquer secessão após as eleições de 14 de Setembro, já que «a partilha do poder é a essência do processo de paz» na Bósnia ■ Negociações multipartidárias sobre o futuro do Ulster recomeçam com os unionistas a monopolizar a ordem do dia ■ Chegam a Tóquio sobreviventes do tremor de terra de Kobe, após uma marcha de 800 km de protesto pela situação em que se encontram.

10 Terça-feira

Para atrair investimento estrangeiro, António Guterres junta em Nova Iorque, num jantar-conferência, «elites financeiras» portuguesas e norte-americanas ■ Ministério da Educação e da Cultura lança Programa de Instalação de uma Rede de Bibliotecas Escolares ■ Dirigentes do SOS/Racismo encontram-se com o secretário de Estado adjunto do ministro da Administração Interna para expor preocupações relativas a violência policial e agressões por parte dos skinheads ■ Cruz Vermelha cria grupo de trabalho para investigar eventual colaboração com nazis durante a Segunda Guerra Mundial ■ Saddam Hussein anuncia o levantamento do bloqueio económico aos curdos e decreta amnistia para os rebeldes.

EDITORIAL

O rumo da luta

A XX Festa do «Avante!» realizou-se com grande sucesso.

Foi, antes de tudo, o sucesso da mobilização de uma multidão participativa, alegre e entusiástica, onde predominava largamente a juventude, que durante três dias encheu as ruas e alamedas da Atalaia e deu vida a todas as realizações da Festa.

Foi o sucesso de um exigente programa que compreendia as mais diversas manifestações culturais, desportivas e recreativas, com destaque para os espectáculos musicais, especialmente para o concerto sinfónico da Orquestra Metropolitana de Lisboa e os espectaculares efeitos visuais que acompanharam a apoteose da sua execução, na sexta-feira à noite.

Foi o sucesso do intenso programa político, com destaque para o acto de abertura da Festa e para o grande comício de encerramento, com os discursos políticos de fundo do Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, e do Presidente do Conselho Nacional do PCP, Álvaro Cunhal.

Na base deste sucesso geral da XX Festa do «Avante!» esteve o trabalho de direcção e organização das estruturas centrais da Festa, a valiosa e decisiva participação das organizações partidárias regionais e o empenhamento de todo o Partido.

Por isso, terminada a Festa, é o PCP no seu conjunto que está de parabéns.

Por mérito, acima de tudo, da sua força e importância a Festa repercutiu larga e positivamente no país, reduziu à sua insignificância algumas tentativas de denegrimiento, confirmou e aumentou o seu prestígio, prestigiou o PCP e o nosso jornal.

Como geralmente acontece, com as intervenções e as tomadas de posição dos comunistas, foi a mensagem política da Festa a que foi mais mutilada, parcializada, reduzida ou mesmo deformada nos relatos da comunicação social.

A XX Festa do «Avante!» que já popularizou o lema do próximo XV Congresso do PCP - «Um Partido mais forte / novo rumo para Portugal» - apontou ela própria para a necessidade da abertura de um novo rumo da luta popular.

Reveste grande importância, sem dúvida, a posição anunciada pelo Secretário-Geral do PCP em relação ao próximo Orçamento de Estado, ao declarar: «Os portugueses podem desde já ficar a saber que se, como resulta claramente do discurso e das opções governamentais, o Orçamento de Estado para 1997 mantiver as grandes orientações que já presidiram ao anterior Orçamento, o PCP votará contra.»

Foi exclusivamente a esta posição que uma parte da comunicação social reduziu a mensagem política da Festa.

Ora, revestem também a maior importância outras iniciativas anunciadas pelo PCP, nomeadamente: para contribuir para o desenvolvimento do movimento social de

protesto e de luta; a campanha nacional para exigir um referendo sobre a revisão do Tratado de Maastricht; a campanha em defesa do sistema público da segurança social; a luta para impedir novas deformações do regime democrático através da revisão da Constituição; a preparação do PCP e da CDU para as próximas eleições autárquicas e o desenvolvimento da batalha nas eleições regionais da Madeira e dos Açores, que se realizam em Outubro.

Mesmo em relação ao Orçamento, um aspecto importante da posição do PCP que não tem sido devidamente salientado é o desafio ao Primeiro-Ministro, António Guterres, para um debate televisivo com os responsáveis do PSD, do PCP e do PP, mas antes da aprovação do Orçamento, e não depois como pretende Guterres, para que o país conheça os diferentes pontos de vista sobre o que ele representa e as consequências que vai ter, antes de estar consagrado em lei.

O anúncio de maior alcance feito na Festa foi, contudo, a afirmação de Carlos Carvalhas de que o PCP «concentrará particulares esforços e energias em tudo que possa animar, dinamizar e ampliar o movimento social de protesto e de luta das diversas camadas sociais gravemente atingidas pela política governamental».

Esta é a resposta indispensável ao agravamento da situação social e à sua previsível deterioração com mais desemprego e precarização do trabalho, nova congelação salarial e maior carga fiscal.

O reforço do PCP e o seu papel determinante na luta contra a política de direita e na concretização de uma alternativa democrática foi outro tema dominante da mensagem da XX Festa do «Avante!», em concordância também com o lema já lançado para o XV Congresso.

No seu discurso, centrado exactamente sobre o papel e as principais características do PCP, Álvaro Cunhal salientou: «No quadro actual das forças políticas, só o PCP está em condições de ser o partido dinamizador e mobilizador das forças e energias para alcançar tal objectivo.» Referia-se à «derrota final da política de direita».

Ao abordar a realização do XV Congresso do Partido, Carlos Carvalhas, afirmou: «Estamos confiantes que o nosso experimentado colectivo partidário saberá estar à altura das suas tradições e responsabilidades e que o nosso Congresso representará um novo fôlego na iniciativa, poder de atracção, ligação aos trabalhadores e acção do PCP na luta pelos seus ideais e projecto, prosseguindo a renovação e a afirmação do seu insubstituível papel na sociedade portuguesa, na luta pelo aprofundamento da democracia, pelo bem-estar do povo, pelo socialismo para Portugal.»

A mensagem política da XX Festa do «Avante!», vivida directamente pela grande multidão que nela participou, constitui uma ampla plataforma de resposta à situação política nacional, aponta caminhos e direcções de luta para as massas trabalhadores, referencia as principais tarefas dos comunistas nos tempos mais próximos.

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7º-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7º-A,
— 1100 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Li. 227 — 4470 Maia
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A, 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A, 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heka Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/95

TABELA DE ASSINATURAS*

| | |
|-------------------------------------------------------------------|------------------------|
| PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas) | EUROPA |
| 50 números: 6 750\$00; 25 números: 3 487\$50 | 50 números: 24 750\$00 |
| ESPAÑA | EXTRA-EUROPA |
| 50 números: 13 300\$00 | 50 números: 39 950\$00 |
| GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU — 50 números: 26 650\$00 | |

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____ Telef _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

FESTA

A Festa dos 20 anos



Uma festa que abre assim só pode continuar bem. Quando Carlos Carvalhas, acompanhado de Álvaro Cunhal e de outros dirigentes do Partido, chegou ao ponto de encontro onde foram içadas as bandeiras nacional e do PCP, já uma grande multidão aguardava. Era o primeiro momento para comemorar os 20 anos da Festa, que teve mesmo direito a bolo de aniversário e a banda de música.

"Fazendo gala do seu 20º aniversário", disse o Secretário-Geral do Partido, "a Festa está maior e está ainda mais bonita, mais verde, mais florida (...) Aqueles que a visitem pela primeira vez, estamos certos, levarão uma boa recordação, e todos encontrarão o convívio, a confraternização e numerosas realizações de carácter cultural, político, recreativo e desportivo."

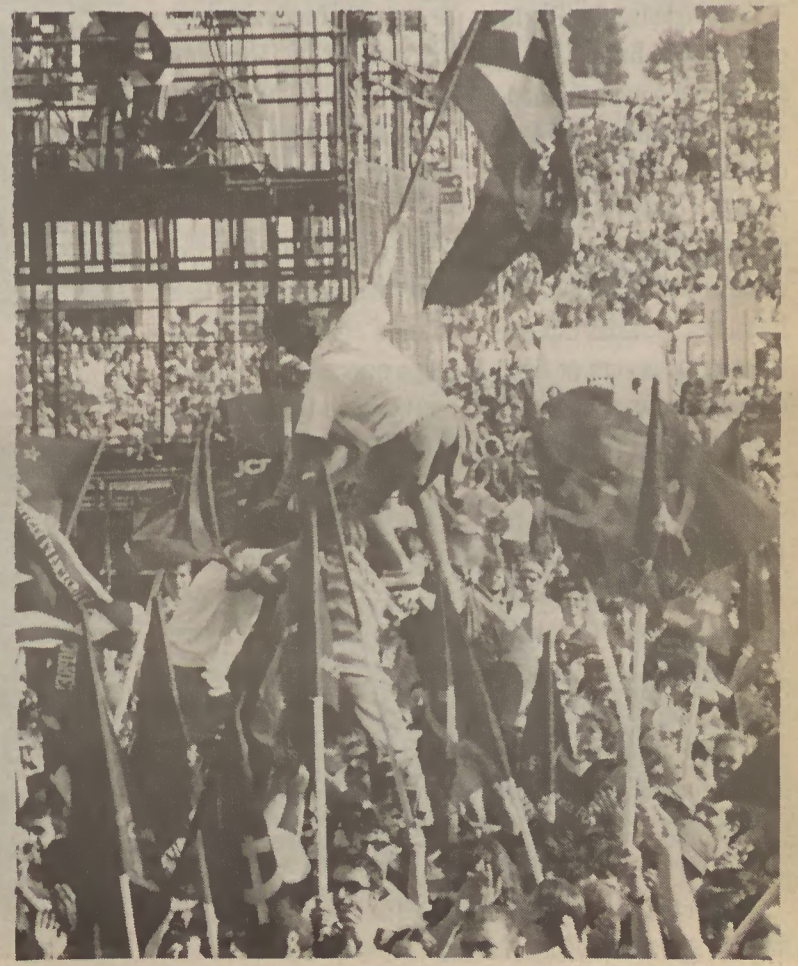
Assim foi. As organizações do Partido trouxeram mais uma vez consigo o retrato do País, das suas lutas e dos seus sabores e artes. No Pavilhão Central, as exposições lembraram as tarefas dos comunistas para os tempos que aí vêm e o seu Congresso marcado para Dezembro, enquanto animados debates decorriam. A solidariedade com os outros povos viveu-se no espaço internacional e deixou raízes para acções futuras. Uma exposição de artes plásticas e outra de fotografia de Sebastião Salgado - que veio expressamente à Festa - abriram-se à apreciação de muitos milhares de visitantes. O Pavilhão do Livro e do Disco permitiu a aquisição de obras mas também encontros com numerosos autores.

O desporto, como sempre, trouxe milhares de amigos ao convívio e à participação de muitas modalidades - com destaque para a Corrida da Festa que foi a maior de sempre em número de participantes.

A Juventude, que tinha um largo espaço na Atalaia, transbordou daí para todo o recinto, em convívio e alegria.

E os espectáculos. Teatro, cinema, música. Os sons do Arraial, lugar de bandas e ranchos, e música popular. E os novos valores no Palco Liberdade. E outras músicas no Auditório 1º de Maio. E o Palco 25 de Abril, onde, na primeira noite, decorreu um espectáculo inesquecível, com a actuação da Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida pelo Maestro Miguel Graça Moura. A Festa abria com chave de ouro.

Celebrou-se o 20º aniversário. A Festa continua!



FESTA



O País duma ponta à outra

Saltava à vista dos visitantes que as Organizações Regionais do PCP se esmeraram, neste 20º aniversário da Festa do Avante!.

O cuidado e a inventiva postos ao serviço de cada pavilhão começavam logo no

«Palheiros», construções de madeira coloridas e típicas do litoral entre a foz do rio Minho e a costa de Lavos, que até ao século passado serviam para guardar as alfaías da apanha das algas e da faina da pesca e que, pro-

auditório para debates e projecção de diaporamas. Mas Lisboa tinha outra praça, ligada à anterior por um percurso longitudinal e ainda mais espaçosa. Destinava-se ao convívio, situando-se ali restaurantes,

nicas do Distrito num espaço temporal preciso - desde os tempos da fundação do Partido até aos anos 60 - com elementos decorativos simbolizando algumas casas clandestinas do PCP. Destaque para o local escolhido

de Coimbra também fez questão em primar na decoração, inspirando-se desta vez no litoral e ordenando o seu espaço com elementos marítimos. Lá estava, firme no alto da colina, a sugestão (bem impressionante, por sinal)

abundante venda de artigos regionais onde imperava o artesanato em vime e palha.

Mas nem só de reproduções monumentais se fez a alusão regional da Festa. Os Distritos de Portalegre, Évora e Beja, reunidos por trás de uma grande fachada branca onde refulgia a consigna «Alentejo - uma só Região com Futuro», surpreendiam o visitante com uma exposição de 250 metros quadrados onde, de um lado, numa penumbra acolhedora, se reconstruíam pormenores da saga portuguesa na grande planície (a ceifeira e o pastor em manequins de palha, objectos de trabalho e de uso - mesa de cabeceira, candeeiro a petróleo, mantas, painéis de barro e de latão, dedeiras da ceifa, o arado, etc.), e do outro uma impressionante exposição sobre o Alqueva onde imperava uma fotografia a



exterior, onde a monumentalidade ombreava com a elegância mais subtil e discreta, em geral sugerindo ou mesmo reproduzindo as regiões representadas. Este ano, tornou-se particularmente notória a ideia de percorrer o País no recinto da Festa.

Três Organizações Regionais - Porto, Braga e Aveiro - deram o pano de fundo ao maior auditório da Festa, o Palco 25 de Abril. Sublinhando a curva da gigantesca meia laranja, estas Organizações apresentavam, em linha, três fachadas espectaculares, todas com *ex libris* das respectivas regiões.

No caso do Porto, lá estava a bela cúpula do Palácio de Cristal (local onde, em Dezembro próximo, se vai realizar pela terceira vez um Congresso do PCP) ladeada à esquerda pela ponte de D. Luís e à direita pela Torre dos Clérigos e oferecendo, no conjunto, uma monumental sugestão da Cidade Invicta.

Aveiro impunha-se com a reprodução dos célebres

gressivamente, se transformaram, primeiro, em abrigo das gentes ribeirinhas, depois, em casas de veraneio para alugar. Hoje, resta delas quase que apenas uma memória.

Braga completava este trio monumental que servia de pano de fundo ao maior palco da Festa. Este ano, mostrava uma réplica da Arcada de Braga, reproduzida com elegância e minúcia.

Mas as reproduções monumentais não se ficaram na zona fronteiria ao palco principal. Subindo as suaves encostas que lhe ficam atrás, dava-se de repente com uma gigantesca proa de navio, motivo que a Organização Regional de Lisboa usou para ilustrar o tema do seu pavilhão «O Povo, a Cidade, o Rio e a Região de Lisboa», instalado numa praça onde imperavam outros elementos alusivos ao Tejo. Foi ali que decorreu a actividade político-cultural, servida por uma exposição e um

vendas de artesanato e animação de rua.

A Organização Regional de Setúbal optou por apresentar fachadas arquitectó-

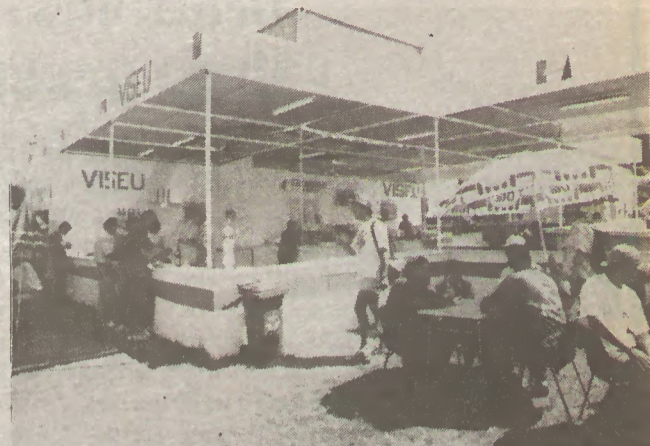
para a exposição política, um edifício alto reproduzindo a Torre do Relógio da CUF, no Barreiro.

A Organização Regional

do Forte de Santa Catarina e do Farol da Figueira da Foz. Quase em frente, o pavilhão do Algarve erguia uma chaminé típica, decorando uma



FESTA



corpo inteiro do empreendimento ladeada por duas poderosas afirmações: uma, dizendo que «Em Janeiro de 1996 já tinham sido "jogados ao mar" para cima de cinco mil milhões de metros cúbicos - tanta água perdida...», outra informando, simplesmente, «a capacidade total da barragem do Alqueva é de quatro mil, cento e cinquenta milhões de metros cúbicos - como é bom vê-la cheia!».

Santarém optou igualmente por mostrar a sua realidade «dentro de portas», apresentando uma adegã típica da região onde irradiava um vasto conjunto de propostas, desde os bons vinhos, pratos e petiscos, ao artesanato e a flagrantes da realidade do Distrito. O mesmo fez Castelo Branco e Guarda que, numa representação conjunta, trouxeram os sempre disputados vinhos, queijos da serra, presuntos com osso e um mundo de enchidos de que nada restava no final da Festa, como pudemos verificar. E não só: estes dois Distritos serranos brindaram o visitante com um artesão de Gonçalo a trabalhar o vime e a madeira em talha, uma exposição dedicada à Regionalização com identificação fotográfica dos 25 Concelhos que os constituem e ainda uma originalidade: um «camião-churrasqueira» (chamemos-lhe assim...) e que era literalmente isso -



um camião que transportava tudo, desde o frango devidamente conservado, até aos grelhadores! Com este sistema, o camião chega, encosta ao local escolhido e... daí a pouco está a sair o belo frango assado!

Mas neste ponto da decoração, ainda foram percorridos outros caminhos, como o fez Viana do Castelo ao sugerir a sua região através de reproduções das suas famosas rendas e bordados, que se encontram «ao vivo» nos expositores, ao lado de socas e chancas de madeira, corações de

Viana, fusos, panos de tabuleiro, palmitos, lenços e louças do garrido Minho, etc., etc. E como vem a calhar, refira-se igualmente a broa, o caldo verde e o vinho verde à pressão, sempre muito procurados.

Quanto aos Açores e Madeira, apesar das dificuldades impostas pelas campanhas eleitorais em curso nas respectivas Regiões, esta última ainda conseguiu trazer à Festa, além de uma interessante exposição histórica sobre a célebre «guerra do leite», um conjunto de

produtos regionais, com relevo para os vinhos, os doces e o artesanato.

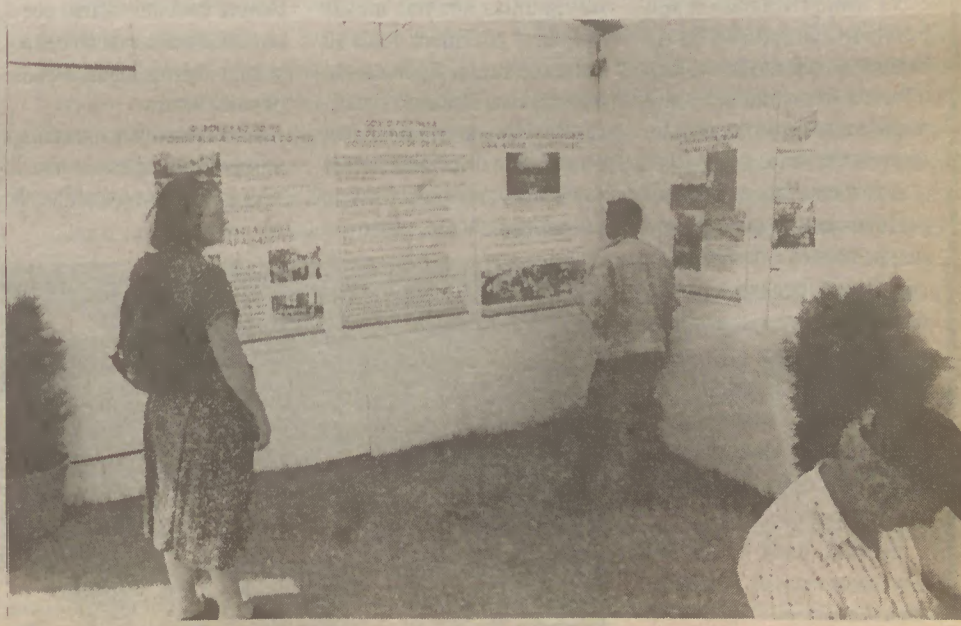
Mas era na rota dos cheiros e dos sabores que mais fascinante o País se tornava. E, sobretudo aqui, a ordem dos factores é arbitrária e inabarcável na sua variedade e qualidade. Uma nota, porém: ao visitante, a surpresa e o apelo estavam ao dobrar duma simples coluna, duma breve divisória, ou ondulando na brisa, indefinido e misturado.

E colocava-se a questão: que fazer, perante os convi-

tes para o ensopado de borrego do Alentejo, o arroz de marisco do Algarve, o leitão da Bairrada em Aveiro, os rojões à minhota em Braga, a feijoada transmontana em Bragança, os queijos, enchidos e a novidade das cherovias em Castelo Branco e Guarda, a chafana de Coimbra, o pão quente com chouriço a sair do forno de Leiria, os «muitos e desvairados pratos» de Lisboa, os bolos de mel da Madeira, a rica gastronomia do Porto, a sopa da pedra de Santarém, o arroz

de tamboril de Setúbal, o sarrabulho de Viana do Castelo, o guizote de Javali em Vila Real, as morcelas de Viseu - isto só para dar alguns exemplos e sem abordar a doçaria, os vinhos e os petiscos que, em qualquer destas regiões, atrapalhavam a escolha ao mais organizado?

Só visto. E, como dizia um animado conviva que na noite de sábado se banqueteara com uma chispalhada em Gondomar, «esta Festa tem um defeito, é só ser uma vez por ano!».



Deficientes Urge prevenir

Na zona de Lisboa, ao lado de Vila Franca de Xira, encontrava-se o Pavilhão dos Deficientes.

Através de uma pequena exposição, os visitantes da Festa ficavam também aqui a conhecer as reivindicações dos deficientes, a actividade do PCP e as propostas que os comunistas defendem para este sector tão desprotegido da população. Tocava particularmente a frase

«para que trabalho não signifique morte», constante de um painel da exposição onde eram apontadas algumas das medidas mais urgentes para a prevenção de acidentes de trabalho. Ao lado da exposição política um stand, com funcionamento assegurado pelo sector, vendia mel e um bar servia dezenas de mesas estendidas por um recinto bastante espaçoso, à frente do Pavilhão.



Emigração Um ponto de encontro

Já Carlos Carvalhas tinha inaugurado a festa e os artistas plásticos de Setúbal continuavam a pintar os bonitos murais com que se tinham prontificado a decorar o Pavilhão da Emigração.

Nas paredes do pavilhão, através de pequenos painéis, podia-se tomar conhecimento da apreciação que os emigrantes fazem da política governativa, da actividade desenvolvida pelo PCP neste sector e ainda das propostas dos comunistas para a melhoria das condições de trabalho e de vida dos emigrantes.

«Fundamentalmente um ponto de encontro e reencontro de emigrantes e ex-emigrantes», diz João Armando, responsável pelo sector da Emi-

gração, acerca do papel do Pavilhão da Emigração na Festa. De facto, a seu lado, um camarada ex-emigrante na Suíça ajudava a servir no bar os petiscos que outros camaradas haviam trazido dos respectivos países onde estão emigrados.

E quem permanecesse um pouco por ali confirmava o pavilhão como o tal «ponto de encontro» de que João Armando falava. Lá estava, por exemplo, na tarde de sábado, a camarada Else, viúva de um camarada emigrante, à espera de uns camaradas portugueses com que todos os anos se encontra, quando se desloca da Holanda a Portugal para vir à «Festa do Avante!» e visitar a família.



Juventude Um percurso com história

Bonito de se ver. Jovens e jovens e mais jovens, de todos os tipos e feitios, enchiam de alegria o pavilhão onde a Juventude Comunista elegeu a Educação como tema a abordar com mais profundidade. «Por uma Educação pública, gratuita e de qualidade» lia-se num dos painéis que faziam parte da exposição política da JCP, que aproveitou ainda aquele espaço para ilustrar com fotografias o que têm sido os seus congressos e relembrar aos mais novos os seus «antecedentes». Um percurso que começou em 1921 com a criação da Juventude Comunista (JC), passou em 1930 pela Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas (FJCP), integrou em 1946 o MUD Juvenil e em 1968 o recém-constituído Movimento da Juventude Trabalhadora (MJT), afirmam os jovens comunistas, lembrando ainda que

foi da fusão da União dos Estudantes Comunistas (UEC), criada em 1972, com a União da Juventude Comunista (UJC), criada em 1975, que surgiu em 1976 a Juventude Comunista Portuguesa.

Para além de música, convívio e «comes e bebes», o Café-concerto erigido no pavilhão dos jovens comunistas proporcionou ainda interessantes debates, como foi o que no sábado se realizou sobre «A Interrupção Voluntária da Gravidez», com a participação de Odete Santos, deputada do PCP e jurista, e Ana Abel, médica obstetra. Uma assembleia, onde ombreavam raparigas e rapazes, colocava questões tão interessantes quanto pertinentes e actuais, fazendo jus a um lema que sobressaía neste pavilhão: «ser jovem comunista - agir para transformar».



Reformados Em busca da tranquilidade

Na tranquilidade do seu pavilhão, situado ao pé de Setúbal, os reformados viviam a festa a um ritmo diferente daquele que a ruidosa juventude vivia «lá fora».

A decorar a face exterior das paredes viam-se pintados uns murais bonitos e despretensiosos. Dentro, pequenos painéis davam a conhecer os anseios e reivindicações dos reformados e a intensa actividade do PCP e do seu Grupo Parlamentar em defesa dos direitos e condições de vida das camadas mais idosas da população.

Um bar, onde a «oferta» dominante eram as *sandwichs*,

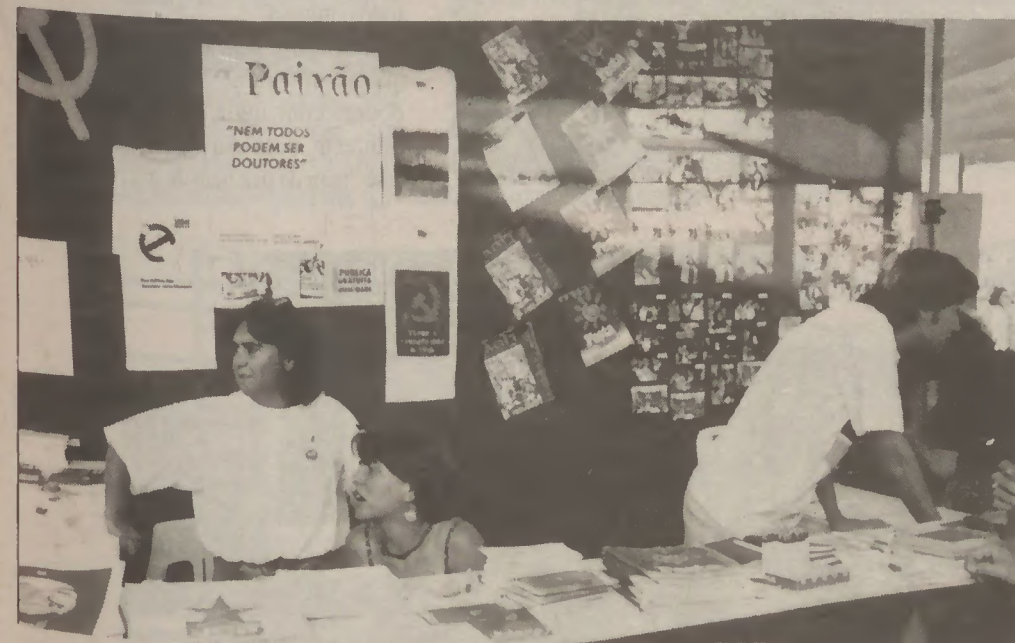
servia umas quantas mesas ocupadas por quem nelas se quisesse sentar. Que ser-se reformado ou idoso não significa estar alheado da vida. Aliás, sempre bem dispostos eram os camaradas que se encontravam no pré-pagamento, como era

sempre com um sorriso que a camarada que servia ao balcão, já com alguma idade, atendia os seus clientes.

Comentava para uma amiga uma jovem que passava por ali: «Arrumadinho e tranquilo, não é?»



FESTA



Mulheres Lutam em todo o mundo

A participação das mulheres comunistas na luta desenvolvida pelo PCP ao longo dos seus 75 anos de vida e nos vinte anos de «Festa do Avante!» eram os temas dominantes da exposição patente ao público no Pavilhão das Mulheres.

Ao lado de uma banca com publicações sobre temática feminina e de sua iniciativa, encontrava-se um cavalete com um enorme bloco de notas onde as mulheres comunistas convidavam outras camaradas suas a explicar porque tinham aderido ao PCP. Entretanto, para as mulheres que ainda não o haviam feito, havia sempre uma palavra amiga convidando-as a isso, palavras que se traduziram, no fim da festa, por várias adesões ao Partido.

E porque a luta das mulheres é válida aqui, como na França, no Japão ou nos Estados Unidos, também a troca de opiniões e experiências

é útil e enriquecedora para a luta que em toda a parte elas desenvolvem. Aproveitando a presença de representações de outros países na Festa do «Avante!», uma delegação de comunistas portuguesas, constituída por Helena Bastos, dirigente do MDM e vereadora da Câmara Municipal da Amadora, Maria da Piedade Morgadinho, do Comité Central, e Luísa Araújo, do Secretariado do CC, encontrou-se com camaradas do Partido Comunista do Nepal e do Partido Comunista de Espanha, tendo entre si trocado experiências de luta e exposto linhas de trabalho.

Um bar e uma pequena esplanada completavam este pavilhão, aonde muitas pessoas se dirigiam à procura da já célebre «sangria» - que reafirmavam como «das melhores da Festa» - das pataniscas, dos pastéis de bacalhau, da salada de polvo ou das tartes.



Pioneiros Um espaço em festa

Construtores futuros da Festa, os Pioneiros guardarão, certamente, na sua memória lembranças indeléveis de uns dias do princípio de Setembro em que, com os pais, iam à Atalaia e viam uma cidade cheia de tudo o que povoava os seus sonhos de criança: cor, música, risos e, a cada passo, manifestações de alegria e amizade.

Situado ao pé do rio, ao lado do Palco 25 de Abril, encontrava-se o canto onde os pioneiros podiam melhor gozar a Festa. À sua maneira, claro. Que as opções eram diversificadas. Por pouco dinheiro podiam tentar derrubar a cabeça do touro ou do cavalo, meter uma bola de futebol na enorme boca de uma boneca ou deitar abaixo um conjunto de latas empilhadas. Um pequeno parque ali instalado permitia-lhes deslizar pelo «escorrega» e andar de baloiço, de carrusel ou no «sobe-e-desce». Aos vocaciona-

dos para as artes plásticas, um «atelier» oferecia a oportunidade de pintarem e desenharem. Mas não foram também esquecidos os que apreciam um momento de recolhimento e leitura, que uma «biblioteca» infantil proporcionava. Os mais aventureiros podiam inscrever-se nas «ginças» que periodicamente eram realizadas e promovidas por pioneiros já «veteranos» e conhecedores da matéria.

Mas, sem dúvida, o que mais entusiasmava a criançada eram as pinturas... na cara.

Sonhando-se palhaços, mostravam orgulhosos as suas pinturas a pais e amigos, exibindo-as depois pela festa inteira.

Dois quiosques, um de venda de sumos e outro de gelados, completavam o cenário onde os Pioneiros passaram os três dias da Festa do «Avante!».





Cidade Internacional De Timor ao Sahara Solidariedade precisa-se

Todos os anos se repete a permanente animação no espaço internacional. Nos comes e bebes diversos, em que a comida libanesa concorre com a chinesa ou o pão de coco cabo-verdiano. Na procura das flautas andinas ou das estatuetas moçambicanas. Ou ainda na troca de experiências, no querer saber um pouco mais de realidades diferentes - e aí se cruzam os apelos à solidariedade em folha distribuída no espaço do Iraque, as fotografias afixadas reflectindo realidades múltiplas, ou a conversa vivida de quem passou tempos da sua vida entre os camponeses sem-terra do Brasil. Como pano de fundo, números e índices do aprofundamento global das desigualdades crescentes e dos conflitos e guerras que tão-pouco poupam o nosso velho continente.

Um apelo a que não se compre os produtos de origem indonésia comercializados em Portugal (como é o caso dos ténis, que toda a juventude usa no seu dia-a-dia) - foi a forma como encerrou o Debate de solidariedade com Timor-Leste, no pequeno espaço de solidariedade da cidade internacional, onde em cada Festa se articulam momentos de solidariedade e pequenos espectáculos de cantos e danças de todas as partes do mundo.

Timor foi, naturalmente, um dos momentos importantes dessa aposta na solidariedade, em que, de par da denúncia das atrocidades do regime indonésio, a que se contrapõe a continuidade da luta, se afirmou um elemento novo e importante - a luta na Indonésia. Olímpio Branco, representante da FRETILIN em Portugal, deu particular destaque à "situação explosiva" actualmente existente na Indonésia, em que a luta pela democracia se entrecruza com o empenhamento



numa solução para o problema de Timor-Leste.

Também de Cuba - e apesar da grande ofensiva dos EUA - vêm algumas boas notícias. No último semestre, Cuba registou um dos mais altos índices de crescimento económico do mundo: 9,6%.

"Queriam riscar-nos do mapa", comentou Orlando Sardinhas, membro do CC do PC cubano. Apesar disso, e das muitas dificuldades que sub-

system, foi possível iniciar a recuperação económica em 94. Em 95, o crescimento do PIB (produto interno bruto) foi já de 5%. Um crescimento que vai de par de um grande esforço no plano social, em particular nas áreas de educação e saúde, e que permite resultados significativos como o menor índice de mortalidade infantil da América Latina e a mais alta proporção de médicos em todo o mundo.

Para o povo saharai, a situação explosiva no Marrocos poderá contribuir, de forma indirecta, para sair da actual fase "nem de paz nem de guer-



Recepção às delegações estrangeiras

Os representantes das delegações de partidos comunistas e organizações revolucionárias e progressistas que visitaram a Festa foram, como já é tradição, recebidos na manhã de domingo, pelos camaradas Carlos Carvalhas, Secretário-Geral do Partido, e Álvaro Cunhal, Presidente do Conselho Nacional. Carlos Brito, Director do "Avante!" e membro da Comissão Política, deu as boas-vindas aos convidados. Também presentes na recepção encontravam-se os camaradas Jorge Pires, do Secretariado do CC e responsável pela Direcção da Festa, Fernando Vicente, da Direcção da Festa e membro do Comité Central, e Manuela Bernardino, membro do Comité Central e da Secção Internacional do Partido.

Na ocasião, Carlos Carvalhas traçou o quadro político e partidário português, referindo as diferenças registadas desde há um ano, após a derrota do PSD, com um novo governo e um novo Presidente da República. O Secretário-Geral do PCP assinalou tais modificações não sem sublinhar que as expectativas de mudança criadas com o afastamento da direita do poder têm vindo a ser frustradas pela política que o PS tem levado a cabo no

governo, e que, no fundamental, se assemelha à que antes o PSD praticara.

Por sua vez, Álvaro Cunhal referiu-se à complexidade da nova situação no mundo e à necessidade de troca de experiências e de acções comuns ou convergentes para fazer face à agressividade do capitalismo. Considerando que, apesar das modificações operadas no seio do sistema, que conseguiu manter-se, mas conserva a sua natureza exploradora, agressiva e opressora e agrava os problemas dos povos, Álvaro Cunhal sublinhou que a luta é não só necessária como possível, e que é inevitável um novo surto do movimento revolucionário.



FESTA



ra". O poder marroquino dificilmente estará em condições de apostar no esmagamento militar de uma luta pelo direito a uma pátria que vem desde 76.

Nas palavras de Ahmed Salama, representante da Frente Polisário em Portugal, Marrocos é hoje "um vulcão", com uma economia reduzida a alguns escassos produtos agrí-

colas e à droga, graves problemas políticos internos, o ascenso do integrismo islâmico nas universidades, e as guerras em torno da sucessão do rei.

Para um povo empurrado para o "deserto da morte" - e que aí não apenas sobrevive como constrói mesmo escolas e hospitais - a solidariedade é uma necessidade premente.

Solidariedade que em Portugal tem vindo a ser promovida pela Associação de Solidariedade com o Povo Saharai, e que nomeadamente passa pela vinda de crianças saharais ao nosso país. Crianças para quem um brinquedo ou o simples correr da água de um chuveiro são razão de encantamento.

Os Partidos representados na Festa

Estiveram representadas na Festa 40 delegações de 35 países de todos os continentes. Um momento mais de solidariedade. Uma oportunidade de troca de experiências e melhor conhecimento mútuo de diferentes realidades.

Aqui publicamos a relação das delegações estrangeiras:

- Partido do Socialismo Democrático - PDS (Alemanha)
- Partido Comunista Alemão - DKP
- MPLA (Angola)
- PC da Argentina
- Partido Comunista da Bélgica
- Partido dos Trabalhadores (Brasil)
- Partido Comunista da Bolívia
- Partido Socialista Búlgaro
- PAICV (Cabo Verde)
- Partido do Trabalho da Coreia
- Partido Comunista da China
- Partido Comunista de Cuba
- Partido Comunista do Chile
- Partido Socialista Popular (Dinamarca)

- Partido Comunista da Dinamarca
- Partido Comunista de Espanha
- Partido dos Comunistas da Catalunha
- Esquerda Unida (Espanha)
- Bloco Nacionalista Galego
- Partido Comunista Francês
- Partido Comunista da Finlândia
- Partido Comunista Britânico
- Partido Comunista da Grécia
- Partido Socialista da Holanda
- Partido Comunista de Israel
- Partido da Refundação Comunista (Itália)
- Partido Comunista do Iraque
- Partido Comunista do Japão
- Frente de Libertação Nacional do Kurdistan
- Partido Comunista Libanês
- Partido da Vanguarda Democrática Socialista (Marrocos)
- Partido FRELIMO (Moçambique)
- Partido Comunista do Nepal

- Frente Sandinista de Libertação Nacional (Nicarágua)
- OLP (Palestina)
- Partido Comunista Peruano
- Frente Polisário (Sahara Ocidental)
- Partido da Esquerda da Suécia
- FRETILIN (Timor-Leste)
- Partido Comunista do Vietnam.



Contra Maastricht Unidade da esquerda

A necessária unidade da esquerda europeia, contra a brutal ofensiva neoliberal ligada às políticas de Maastricht, foi uma das tónicas nas várias intervenções no encontro sobre "Maastricht, a luta pelo emprego e os direitos sociais na Europa", que decorreu no Forum, na tarde de sábado.

Participaram no encontro, de par de Domingos Abrantes e Aboim Inglês, da Direcção do PCP, Manfred Muller, deputado e porta-voz do grupo parlamentar do Partido do Socialismo Democrático da Alemanha (PDS), Elvira Ramos, membro da Comissão Permanente e deputada do Partido Comunista de Espanha (PCE), Silvianna Anardi, membro do Bureau Nacional do Partido Comunista Francês (PCF) e deputada europeia, Thanassis Papanigoras, jornalista e membro da Secção Ideológica do CC do Partido Comunista da Grécia (PCG), e Mario Brunetti, membro do Conselho Nacional do Partido da Refundação Comunista italiano (PRC) e deputado.

A gravidade da situação gerada pela aplicação das políticas neoliberais traduz-se em números particularmente significativos - mais de uma vez referidos nas diferentes intervenções. Existem neste momento na Europa cerca de 20 milhões de desempregados e 55 milhões de pobres.

Uma realidade que assenta em políticas de privatização, desregulamentação e austeridade orçamental, e se desdobra em múltiplas outras facetas.

O fracasso de Maastricht

Factos e exemplos abundam.

A realidade do desemprego, por exemplo, não se circunscreve aos números do desemprego em massa. A precariedade do trabalho, a flexibilidade e polivalência, a política de rejeição em relação aos imigrantes não europeus, os milhões de jovens à procura do primeiro emprego, os muitos desempregados não registados, os muitos outros sem direito a subsídio - são tudo faces da mesma moeda.

A situação concreta dos emigrantes portugueses, que trabalham na construção civil na Alemanha, foi referida pelo representante do PDS. Os trabalhadores portugueses ganham 5 a 6 marcos, contra os 16/17 que lhes seriam devidos. Entretanto, os esforços dos sindicatos para alterar esta situação de clara injustiça social esbarram com um autêntico boicote por parte das grandes empresas de construção civil europeias.

A desindustrialização e desmantelamento da agricultura ligados às políticas de Maastricht têm ainda como consequência - como foi sublinhado por Elvira Ramos do PCE - o gerar de conflitos entre trabalhadores e agricultores de diferentes regiões e países. Conflitos fomentados pelo capitalismo "para que não sejamos solidários". Uma nova versão da velha política de "dividir para reinar".

Numa expressão clara da ligação indissolúvel entre direitos sociais (cada vez mais contestados) e democracia, as rotineiras promessas eleitorais são agora substituídas, na Grécia, por cínicas afirmações do tipo: "não podemos conceder aos trabalhadores europeus condições superiores às dos países com que estamos em concorrência"... Em causa estariam assim os direitos laborais adquiridos, para os equiparar à falta de direitos dos operários das Filipinas.

Entretanto, o profundo fracasso das políticas de Maastricht, geradoras de crescentes desigualdades e do vicioso ciclo do desemprego, as lutas e movimentos sociais que se vêm a desenvolver,

como nos últimos meses de 95, em França, estão a provocar, também à direita, debates sobre os critérios de convergência, como foi assinalado nas intervenções dos representantes do PCF e da Refundação Comunista de Itália, que citaram as recentes posições assumidas pelo padrão da Fiat.

Silvianna Anardi, do PCF, comparou as actuais políticas implementadas na Europa, a coberto dos acordos de Maastricht, com as políticas impostas pelo FMI aos países em vias de desenvolvimento. Com os resultados que se conhecem.

A nível mundial, como a

nível europeu, trata-se de "fazer pagar aos povos os custos da guerra nos mercados financeiros", pondo em causa todo o sistema de segurança social e o sector público da economia.

Construir uma nova Europa

O que está de facto em causa, neste momento - como foi referido em todas as intervenções - é construir uma outra Europa. Uma Europa para as *peçoas*. Uma Europa "pacífica, multiétnica, tolerante", nas palavras de Mario Brunetti, da Refundação Comunista, que defendeu o alargamento dos direitos de cidadania, entendidos tanto no plano social como político.

"Não basta fazermos o diagnóstico", sublinhou a representante do PCE, trata-se de "construir a alternativa". Uma alternativa que antes do mais exige *solidariedade* - de todos os trabalhadores, mas também dos desempregados, das mulheres domésticas, dos muitos que hoje são colocados fora do mercado do trabalho. Uma alternativa que passaria por trabalho para todos, "distribuindo o trabalho que há", e não permitindo que os avanços tecnológicos não tragam "os benefícios sociais para todos".

Conjugar a denúncia da "crise do modelo económico e social" actual com "acções concretas e eficazes", foi também uma prioridade sublinhada pelo representante da Refundação Comunista que anunciou a realização, em Itália, de uma marcha contra o desemprego, entre Setembro e Novembro próximos, em coordenação com debates no Parlamento.

Um exemplo mais das lutas, na Europa, contra o desastre social que as políticas neoliberais têm vindo a gerar.

Avanteatro Um novo espaço o êxito de sempre



FESTA

O Avanteatro repetiu o sucesso das edições anteriores. Com um público fidelizado, uma programação cuidada e diversificada, a sala esteve praticamente sempre cheia, havendo momentos em que era

Algés» com uma peça sobre o MUD Juvenil.

Depois foi a vez de do Teatro do Tejo subir a palco com «Em mim nam entra tristura», uma encenação de José Mora Ramos, a partir de textos de

«Feliz Aniversário». Na assistência, rostos felizes de crianças seguiram atentamente as peripécias da Alice e o Coelho, do País das Maravilhas, a Siniinho e o Capitão Gancho, das Aventuras de Peter Pan, e também o Gato das Botas de Sete Léguas. Um espectáculo de Fernando Gomes que assinala o 20º aniversário do Teatro Infantil de Lisboa.

O Teatro Art'Imagem trouxe este ano a peça «Não Matem o Mandarin», uma adaptação dramática do romance de Eça de Queiroz, com encenação de João Leitão e com interpretações de António Pedro, Cristina Briona, Pedro Carvalho e Susana Barbosa.

Depois de uma actuação de uma grupo de dançarinas chinesas, que percorreram vários palcos da Festa, Rui Paulo e Filipe Crawford interpretaram a peça «Os Monstros Sagrados», constituída por vários *sketchs* da autoria de Roland Dubilarl.

No domingo, dois espectáculos encerrariam a programação. De tarde, actuou o grupo de música tradicional de câmara de José Meireles, um músico e construtor de instrumentos antigos que resolveu fazê-los soar constituindo para isso, em 1990, o grupo Realejo.

A música voltaria ainda ao palco, mas desta vez com peça da Cooperativa Bonifrates «No País dos Matraquilhos». Tratou-se de um espectáculo, da autoria de João Maria André e direcção musical de Amílcal Cardoso, com textos e canções que evocaram a memória de Adriano Correia de Oliveira, José Gomes Ferreira, Herberto Helder, José Afonso, entre muitos outros importantes autores da música e das letras nacionais.



Negros de Luz



Teatro do Tejo



Realejo



TIL

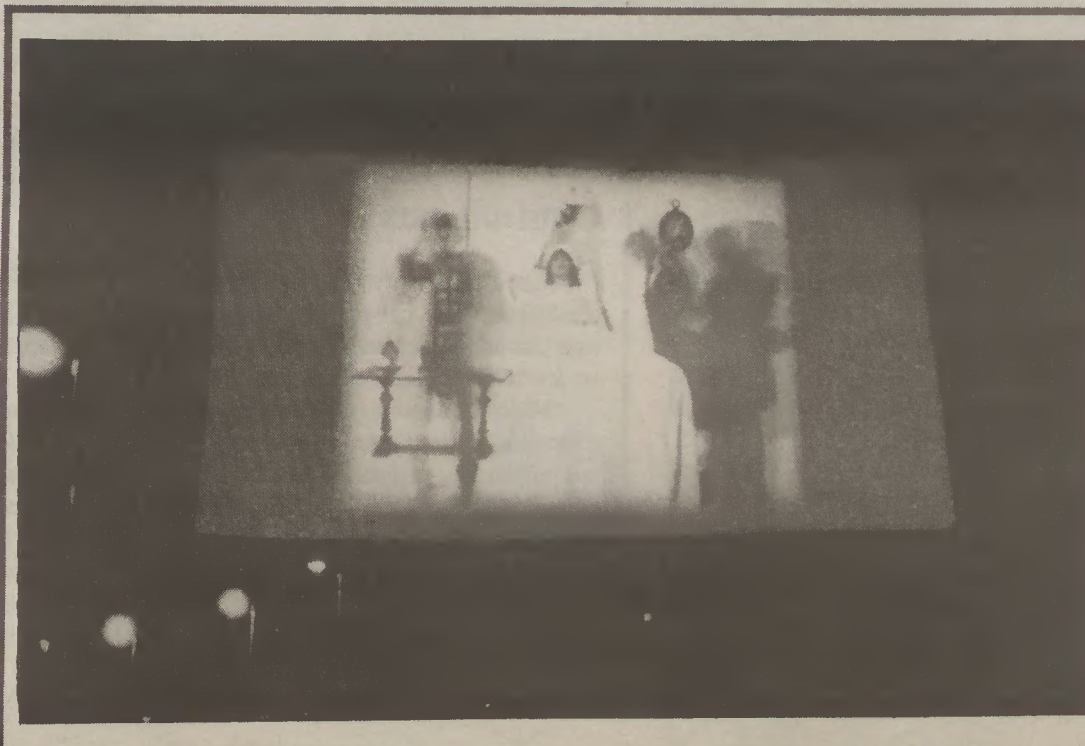


Art'Imagem

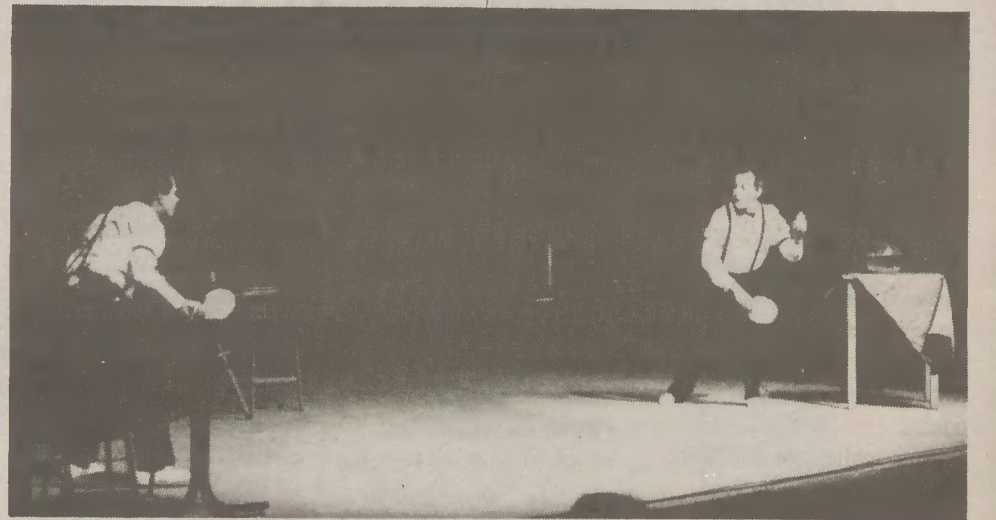
quase impossível entrar no pavilhão.

Situadas na zona ribeirinha, as novas instalações do Avanteatro revelaram-se mais frescas e amplas; e, embora não fossem completamente estanques aos ruídos dos outros palcos, em especial do Palco 25 de Abril, ficou-nos a impressão de que a transferência para aquela zona, mais calma e distante do movimento da Festa, beneficiou os espectáculos que ali decorreram.

Logo a abrir, na sexta-feira, actuaram o «Negros de Luz», um grupo musical que ali interpretou temas tradicionais, bem como composições de Luiz de Freitas Branco, Frederico de Freitas, Sérgio Godinho, Alberto Janes, Vitorino, José Afonso, tendo terminado com as Canções Heróicas de Fernando Lopes-Graça. Na noite de sexta-feira, em palco esteve ainda o «Primeiro Acto» de



Bonifrates



«Os Monstros Sagrados» com Rui Paulo e Filipe Crawford



No centenário do cinema português

Curtas-metragens de Manoel de Oliveira e António Campos, bem como filmes realizados nos anos de Abril, cinema de animação e trabalhos de jovens realizadores constituíram o essencial da programação do cinema da Festa que este ano assinalou o centenário da sétima arte em Portugal. O público teve ainda oportunidade de assistir à estreia de duas películas - «O Clandestino» e o «Despertador» - da autoria dos jovens realizadores José Laplaine e Júlio Alves.

FESTA



Sebastião Salgado na Atalaia «Muito naturalmente» numa festa de trabalhadores

O fotógrafo brasileiro disse ao «Avante!» que vê «muito naturalmente» a sua exposição integrada numa festa do Partido Comunista, pois, com a série de fotografias «O Trabalho», pretendeu homenagear os trabalhadores, e «o PCP tem estado sempre ao lado dos trabalhadores».

Sebastião Salgado deslocou-se a Portugal especialmente para participar na 20ª Festa do «Avante!», onde ocupou lugar de destaque uma exposição de seis dezenas de fotografias de sua autoria, seleccionadas do álbum «Workers» (que também foi exposição internacional). Durante a tarde de sábado, falou com jornalistas e com o público, rodeado das suas fotos, e participou num «bate-papo» - como ele próprio preferiu chamar ao encontro - no auditório da Festa do Livro.

Nas suas palavras, Sebastião Salgado confirmou o empenhamento social e político que marca a sua vida e obra. A sua intervenção neste encontro (moderado por Zeferino Coelho, da Editorial Caminho, e que teve entre os interlocutores o crítico e escritor Carlos Porto) abriu mesmo com a afirmação de que o mais importante para a fotografia e o fotógrafo é compreender a sociedade; mais tarde confessou que, a um jovem que queira ser fotógrafo, aconselha a entrada para uma faculdade de Economia ou Sociologia...

Salientou ainda que, para além das técnicas de fotografia, é extremamente importante para um fotógrafo documental «chegar junto das pessoas», integrar-se no meio onde está a trabalhar e «respeitar quem se está fotografando». A proximidade do «alvo»

é até uma exigência do tipo de lentes que Sebastião Salgado mais frequentemente usa (35 e 28 milímetros).

Uma assistência onde predominavam os fotógrafos levou a conversa para os segredos da luz e da sombra (notando Sebastião Salgado que «em 1/250 segundo não há tempo para pensar») e para os motivos da opção pela fotografia a preto e branco («Fiz fotos a cor, mas nunca fui um fotógrafo de cor», confessou, reparando que numa foto colorida «o vermelho da camisola vai tomar mais força que a expressão do rosto», o que faz da cor «um elemento grande de distração»).

No encontro com o público, Sebastião Salgado recordou que a intervenção social marcou sempre o seu percurso, nomeadamente quando militante do Partido Comunista Brasileiro e do movimento católico progressista. Ao «Avante!» adiantou que, não sendo actualmente membro de nenhum partido político, situa-se «obviamente» na área da esquerda e continua a encarar as suas fotografias como «uma contribuição» para a transformação da sociedade.

Considera que na derrocada dos países socialistas «não foi derrotado o socialismo», que «continua válido, uma vez que o capitalismo não consegue resolver os grandes problemas da humanidade».

O livro que está a preparar, acerca da luta dos trabalhadores sem terra no Brasil, contará com um texto de José Saramago - revelou o fotógrafo brasileiro.

Da Festa, Sebastião Salgado disse ter gostado muito, salientando a presença de jovens e a muita alegria que sentiu na Quinta da Atalaia. A sua presença permitiu-lhe também «fazer umas fotos».

A arte contemporânea em «Sequências Confrontos Rupturas»

Os visitantes da Festa do «Avante!», habituados desde a FIL à presença das artes plásticas, encontraram desta vez uma mostra original: para assinalar a 20ª edição, foram convidados 14 artistas a escolher trabalhos de «novos talentos» em igual número de modalidades.

Este «esforço de síntese» para uma «retrospectiva actualizante e interrogativa» — expressões de Vítor Serrão no catálogo do certame — ganhou forma na exposição «Sequências, Confrontos, Rupturas da (na) Arte Contemporânea», visitada por milhares de pessoas que estiveram este fim-de-semana na Quinta da Atalaia e que aceitaram tal «luminoso convite para olhar as diversidades de fazer que hoje são definíveis através de modalidades, de técnicas e de materiais tão díspares» (ainda

Daciano Costa, no *design industrial*, foi para criações de Liliana Soares, Pedro Costa Maia, Rita Assoreira/Paulo Rafael X. Castro Rodrigues e Sérgio Manuel de Silva Pinto. Manuela Bronze seleccionou soluções de Fernanda Batista, João Sotero, Maria Luís e Mariana Sá Nogueira/Frederica Nascimento no *design de teatro*. José Rodrigues sugeriu as esculturas de Gabriela Couto, Isabel e Rodrigo Cabral, Paulo Rocha das Neves e Vítor Ribeiro. As fotografias escolhidas



palavras daquele historiador e crítico).

Manuel Taíña escolheu criações dos *arquitectos* Alexandre Marques Pereira, Cristina Salvador/Fernando Bagulho, Francisco e Manuel Rocha de Aires Mateus, e Fernando Hipólito/João Belo Rodeia. Na *banda desenhada* os preferidos de José Rui foram José Carlos Fernandes, Leonor Alexandre Gomes, Luís Louro e Nuno Saraiva. Alberto Vieira, Ana Ferreira, Carmina Anastácio, Martim Santa Rita, Rui Vasquez e Rute Marcão apresentaram trabalhos em *cerâmica*, apontados por Virgínia Fróis. Os *desenhos* de Florbela Rodrigues, Honório Rodrigues, Nuno Cláudio Abreu e Sérgio Amaro foram escolhidos por Sá Nogueira. No *design gráfico*, Henrique Cayatte indicou trabalhos de Mário Feliciano, Né Santelmo/Ana Menezes e Paulo Ramalho. A escolha de

por Eduardo Gageiro são de Adriano Miranda, António Pedro Ferreira e Daniel Rocha. Carlos Cancelinha, Luís Cruz, Teresa Pato e Vítor Castro Pinhão são os autores das *gravuras* indicadas por Irene Ribeiro. As *jóias* de Aulill, Guta, Pilar Andaluz e Suzana Godinho foram indicadas por Alberto Gordillo. João Duarte propôs as *medalhas* de José S. Teixeira, José Simão, Paula Lourenço e Vítor Santos. Na *pintura* a escolha de Rogério Ribeiro abarcou obras de Cisela Bjork, Inês Wijnhrst, Luís Herberto e Vítor Castro Pinhão. Finalmente (obedecendo à ordem alfabética), as *tapeçarias* de Ana Henriques, Isabel Albuquerque, Maria do Carmo Sales e Sandrina Espiridião foram seleccionadas por Gisela Santi.

Os nomes estão aqui. As obras estiveram lá. O futuro está já ali.

A Festa dos livros e dos discos

O centro do livro e do disco é, na Festa do «Avante!», um local privilegiado de luta contra os preços elevados, contra os apelos insistentes da televisão e de outra concorrência que ataca em força neste tempo de neoliberalismo e individualismos, um local de combate contra a corrente de tantas águas que quer afastar a literatura e a música (e demais artes) do povo.

As Edições «Avante!», a Editorial Caminho (a comemorar os seus 20 anos) e mais de quatro dezenas de editoras levaram este ano para a Quinta da Atalaia milhares de títulos, das novidades até às antiguidades, vendidos com apreciáveis descontos. No Disco-Bar e no auditório do Livro estiveram personalidades do maior relevo nas edições nacionais, disponíveis para jorrar torrentes de autógrafos e também para algumas conversas mais *mano-a-mano*.

Uma festa!





FESTA

75 anos do PCP e 20 anos de Festa Aniversários comemorados com confiança no futuro

«Junta-te a nós», lema da campanha de recrutamento que decorre até ao fim do ano, era a frase de maior destaque que dava as boas-vindas aos milhares de visitantes da vigésima Festa do «Avante!».

O significado político desta iniciativa ímpar do PCP é bem visível no facto de atrair um público onde é muito grande o peso dos que não são comunistas. Para que tal suceda, não se mostra necessário ocultar ou menosprezar a política na Festa. Bem pelo contrário, os problemas do País e as propostas e actividade do PCP são uma presença constante, desde os murais com palavras de ordem, às exposições regionais, sectoriais e centrais, do grande comício de domingo às inúmeras conversas durante os três dias. Se fosse possível fazer uma iniciativa desta envergadura, mas onde as pessoas não se tratassem simplesmente por «camarada», talvez os outros partidos não se quedassem por festarolas como as do Pontal e da Pontinha...

A Festa de 1996 foi marcada, do ponto de vista do conteúdo político, por dois aniversários: os 75 anos da fundação do PCP, a 6 de Março de 1921, e os 20 anos da própria Festa do «Avante!», cuja primeira edição teve lugar em Setembro de 1976.

As duas datas foram referidas em toda a Quinta da Atalaia nas mais diversas ocasiões, merecendo destaque as exposições patentes no pavilhão central. Aqui os olhos passearam pelo tempo, fixando-se ora no registo dos acontecimentos de há 75 anos, ora em peças únicas do Museu do PCP, atentando no prelo da clandestinidade manobrado por quem ao longo de

muito anos fez dele arma de luta, escutando e mesmo participando nos debates mais informais realizados no espaço da imprensa partidária. A imaginação dos criadores transformou em jogos e instalações artísticas a severa e acutilante crítica à política de direita, desde os tempos do «oásis» cavaquista ao «espinheiral» que substituiu as promessas eleitorais do partido da rosa.

Instantes bonitos das 19 anteriores festas do «Avante!» avivaram as memórias dos que estiveram desde 1976 na FIL, no Jamor, na Ajuda, em Loures, na campanha para a compra da Quinta da Atalaia. Realização popular com firme prestígio, expôs ali orgulhosamente a sua memória, revelando novidades galvanizantes a muitos dos



jovens que construíram a Festa deste ano.

A informação, as ideias, as opiniões viajaram também nas palavras dos muitos dirigentes do PCP que participaram nos debates, nomeadamente no Forum central, sobre temas como a regionalização, as implicações do Tratado de Maastricht ou o próximo congresso do Partido.

Várias organizações avançaram mesmo com uma iniciativa especial, no quadro da campa-

nha nacional de recrutamento: dirigentes e militantes comunistas lançaram-se ao contacto directo com os visitantes anónimos desta Festa, para lhes falar das posições do PCP e da necessidade do reforço do Partido.

Em 75 anos de combate do PCP, 20 anos depois da primeira Festa do «Avante!», três meses antes do 15º Congresso do Partido, os comunistas firmam no seu trabalho os motivos que permitem encarar o futuro com confiança.

Café-concerto

Homenagem a Carlos Paredes

A identidade profunda da Arte Portuguesa através da guitarra de Paredes abre-se à consciência revolucionária da música, cântico de revolta mas também lirismo, beleza, fruição, prazer, paixão, verosimilhança.



Palavras de Jorge Lima Barreto, extraídas de um depoimento lido por Natália Vieira ao fim da tarde de Sábado, no café-concerto, quando decorria a homenagem a Carlos Paredes, momento alto da vasta programação deste espaço integrado na representação da Organização Regional de Lisboa.

Alfredo Flores moderou a sessão em que participou uma assistência numerosa que ao longo das intervenções se emocionou. Era como se, embora ausente dado o seu estado de saúde, Carlos Paredes estivesse presente. E de certo modo estava, através das palavras e da música que ali trouxeram o homem, o militante, o artista. José Casanova, membro da Comissão Política do PCP, lembrou a forte relação do artista com o seu Partido; Francisco Pinto, um operário que numa das várias vezes que passou pela prisão ali conviveu com Carlos Paredes, recordou a grande modéstia do companheiro, a grande firmeza do camarada; o cineasta Paulo Rocha, recordou emo-

cionado a contribuição determinante que o músico e a sua música emprestaram ao filme *Verdes Anos*; o jornalista brasileiro há muito radicado em Portugal, Duda Guenes, falou da relação da música nordestina do Brasil com a que sai da guitarra do artista português; Manuel Rocha, em representação da *Brigada Victor Jara*, referiu-se à influência da arte de Paredes nas jovens gerações.

Depois foi a música. Luísa Amaro e Maria do Rosário interpretaram Carlos Paredes, à guitarra - a própria guitarra do artista, cuja história ali foi contada - e à viola. Um diaporama, com slides de desenhos de Paredes e a sua música, mostraram *O Oiro e o Trigo*, com um texto do mesmo autor lido por Paulo Rato.

O café-concerto teve ali o seu momento alto, entre os vários espectáculos que foram apresentados. Destaque também para as Danças Chinesas, para os Open House e para a música cubana.

Carlos Carvalhas

Um novo fôlego na iniciativa, poder de atracção, ligação aos trabalhadores e acção do PCP

Os 20 anos da Festa do «Avante!» têm um profundo significado para os comunistas, para os trabalhadores, para a democracia portuguesa.

Eles testemunham a militância, horas e horas de trabalho voluntário, de esforços e contributos generosos de milhares e milhares de militantes e de cidadãos anónimos que aqui deixam férias, tempos de lazer e fins-de-semana para a concretização desta incomparável iniciativa que só os comunistas podem fazer. Testemunham o triunfo da liberdade e da luta pela mais importante realização política e cultural do país contra o sectarismo e o reaccionarismo dos que tudo tentaram para a impedir, liquidar, denegrir e desprestigiar. Testemunham as raízes populares, a força da juventude e acima de tudo a determinação e a confiança dos comunistas e dos trabalhadores no seu Partido: o Partido Comunista Português.

Por isso, aqui estamos em terreno nosso, neste belo espaço da Atalaia. E ontem como hoje, aqui ficaram assinalados como marcas essenciais, a democracia, a fraternidade, a solidariedade e a tolerância, o calor humano, a afirmação da juventude, o valor do trabalho, da arte e da cultura, valores e características inseparáveis dos ideais do projecto e da acção que em todas as esferas da vida nacional inspiram a luta dos comunistas portugueses e da Juventude Comunista Portuguesa!

Há um ano, nesta mesma Festa afirmámos com clareza que dezenas e dezenas de anos de intervenção cívica, política e revolucionária já tinham mostrado que o PCP nem já tinham mostrado que o PCP nem já faz política por rótulos, nem faz política contra rótulos.

O PCP não se opôs ao PSD e ao seu Governo por este se chamar PSD ou por ter à frente tal ou tal dirigente. O PCP opôs-se ao PSD porque se opõe à política de direita.

E não é por o PS se chamar PS que agora calariamos o prosseguimento da mesma política.

Nós, não perdemos o respeito por nós próprios nem o sentido da nossa luta. E eu creio que vós estais de acordo com este nosso comportamento.

Nós que combatemos a política do PSD de concentração de riqueza, de redução dos salários reais, de ataque aos direitos dos trabalhadores, de desemprego, de liquidação

do aparelho produtivo e de alienação da independência e soberania nacional e que demos uma importante contribuição para a sua derrota, temos hoje, não só o direito, mas o dever de denunciar e lutar contra a política que agora no essencial, prossegue com outros rótulos.

E não é por o PSD e o PP fazerem grande gritaria oposicionista para mascararem a sua coincidência com as questões essenciais da política do PS, ou por estes partidos apelidarem de esquerda a política do Governo que esta passa, por estes artifícios ou por artes mágicas, a ser de esquerda.

Não. Não é. Quem levanta as bandeiras e os valores da esquerda sem subterfúgios, quem os exprime em projectos de lei na Assembleia da República e na sua acção quotidiana, nas palavras e nos actos é este grande Partido da esquerda, o Partido Comunista Português!

É uma realidade que a luta popular e em particular a luta dos trabalhadores constituiu um factor decisivo para isolar, enfraquecer e posteriormente derrotar a direita nas eleições legislativas de Outubro. Sendo também verdade que nessa luta participaram muitos socialistas, embora a direcção do PS só algumas vezes, sobretudo nas lutas com mais expressão mediática, é que se identificou com os seus objectivos. Mas com o apoio de grandes meios e com promessas capitalizou descontentamentos e a vontade de mudança, capitalizou esperanças de mais justiça social e a possibilidade de uma política diferente da do consulado cavaquista.

A pouco mais de dez meses de distância verifica-se que o PS capitalizou os votos, mas tirando a retórica do discurso, quis só o cidadão que vota e esqueceu o trabalhador que luta e que cria a riqueza, isto é, esqueceu todos os que quiseram e querem uma mudança de verdade.

Fê-lo quando votou contra a proposta de Lei do PCP que visava a redução do horário de trabalho para as 40 horas e assumiu a paternidade da Lei da flexibilidade e da polivalência.

Fê-lo quando, em relação à idade da reforma das mulheres perante a iniciativa legislativa do PCP alterou a posição mantendo a proposta do Governo anterior e também ao continuar com os aumentos de miséria em relação aos reformados, pensionistas e idosos.

Fê-lo quando, depois de ter declarado a «educação a sua paixão», organizou irresponsavelmente a trapalhada dos exames que afectou a vida de milhares de jovens e suas famílias.

Fê-lo ao manter os benefícios fiscais de milhões de contos ao capi-

tal financeiro continuando os trabalhadores a serem os que quase em exclusivo pagam os impostos.

Mas diálogo em que sentido e com que conteúdo? Que diálogo efectivo quando por exemplo, em relação à Lei da Flexibilidade e Polivalência rejeitou o resultado da maior consulta pública até hoje realizada em Portugal às organizações dos trabalhadores não correspondendo aos mais de 1600 pareceres enviados à Assembleia da República?

E no quadro da denominada concertação estratégica qual a opção do Governo na questão nuclear da legislação laboral?

Qual o acolhimento Orçamental das propostas dos Sindicatos da Administração Pública, após prolongados meses de diálogo, designadamente na questão dos aumentos salariais e do salário mínimo da Função Pública?

O Governo de António Guterres que proclamou em toda a campanha eleitoral o slogan «as pessoas estão primeiro», agora substituiu-o por outro.

Agora, primeiro estão os banqueiros, estão aqueles que o acompanham ao Brasil e que agora o vão acompanhar a Nova Iorque, à Internaci-

onal Socialista! Primeiro está Maastricht, primeiro estão as exigências e os interesses dos grandes senhores do dinheiro...

Talvez por isso, o Primeiro-Ministro discursou em Faro com um novo slogan «No rumo seguro» atribuiu ao país a legenda: «Alegria, tranquilidade, confiança!» Para o grande capital esta «trindade» está certamente adequada, mas não está para os trabalhadores, os agricultores e pescadores, para os comerciantes, para os pequenos e médios industriais, para a juventude, para as mulheres, para os desempregados e os reformados. Para estes não há razões para «alegria, tranquilidade e confiança».

Nem alegria, nem rumo seguro.

«No rumo seguro»? Seguramente para todos os que beneficiaram da política cavaquista e que depois da derrota nas urnas a viram regressar com outros protagonistas.

«No rumo seguro»? Seguramente para os que agora se sentam à mesa do Orçamento.

«No rumo seguro»? Seguramente para a produção estrangeira e para as transnacionais que aqui



encontram terreno fértil.

Mas o abrandamento da economia, o aumento do desemprego e do trabalho precário, o alastramento das bolsas de pobreza, a acentuação das desigualdades e a desertificação e envelhecimento do Interior do País o que mostram é que é «Necessário Mudar de Rumo».

Por isso, a todos os que afirmam e são cada vez mais numerosos, que isto não pode continuar, nós daqui lhes dizemos que podem contar com o Partido Comunista Português, para que Portugal mude de rumo.

E sugerimos também ao Governo que não chame como fazia o PSD, «estabilidade» à sua manutenção no poder e à política de concentração da riqueza, que não julgue a estabilidade pela situação dos 10% mais ricos que detêm em Portugal 50% do Rendimento!

O que se passou neste Verão em muitas empresas, o desespero de muitos comerciantes, o aumento do desemprego, as angústias e os protestos de jovens e professores, a luta dos trabalhadores, dos agricultores e pescadores, os casos de pequena e grande criminalidade, a continuidade do florescimento do negócio da droga em autênticos hipermercados à luz do dia, aí estão a mostrar a estabilidade de que nos fala o Governo.

Por isso, aos trabalhadores que se sentem frustrados na sua esperança, nas suas aspirações, a todas as trabalhadoras e trabalhadores portugueses que acreditam na mudança, o PCP apela para que não baixem os braços.



Para que lutem contra a aplicação discrecional de Lei da flexibilidade e polivalência usando se necessário a própria lei, defendendo e potenciando o direito de negociação e contratação, para que lutem contra o desemprego, pelo direito ao trabalho e à segurança no emprego, para que não abdicuem da reposição e valorização do poder de compra dos salários, para que defendam o direito à segurança social e lutem pela defesa dos seus direitos e liberdades através do seu exercício efectivo. **Não estarão sozinhos! Com eles estará o PCP!** Com eles estarão milhares de comunistas que no movimento sindical, nas comissões de trabalhadores, nas empresas, nos locais de trabalho, nos bons e nos maus momentos, não regatearão esforços, nem a sua militância e a sua luta para que os seus direitos, os seus interesses e aspirações sejam parte integrante da democracia que a Constituição consagra e o Programa do PCP projecta e perspectiva para Portugal.

Nesse sentido, e num quadro muito exigente das nossas tarefas, desde já podemos anunciar que nos próximos tempos, o PCP:

— concentrará particulares esforços e energias em tudo o que possa animar, dinamizar e ampliar o movimento social de protesto e de luta das diversas camadas sociais gravemente atingidas pela política governamental;

— desenvolverá, em momento a determinar de acordo com a evolução do processo de revisão da Constituição, não uma simples petição à Assembleia da República, mas uma forte campanha nacional para exigir um referendo sobre a revisão do Tratado de Maastricht, sustentado num vasto e articulado conjunto de iniciativas de esclarecimento e mobilização;

— promoverá, em resposta à perigosa ofensiva que o Governo prepara passo a passo, uma activa campanha de defesa do sistema público da segurança social contra a sua privatização e liquidação;

— intensificará a preparação da intervenção do PCP e da CDU nas eleições autárquicas de Dezembro de 1997, sem se deixar influenciar com o «ballet verbal» em torno das alianças da direita, antes com plena determinação de continuar o seu trabalho ao serviço das populações e convicto em que se reforçará a confiança popular nas listas da CDU e nos seus candidatos em todo o país! E neste momento já estamos com confiança na batalha das importantes eleições regionais da Madeira e dos Açores.

Ninguém pode ter dúvidas de que somos e seremos declaradamente a oposição de esquerda à política de direita e ao Governo do PS que a prossegue.

Mas também ninguém pode ter dúvidas que, como até aqui, o que também continuará a marcar a nossa acção é o carácter profundamente construtivo da nossa atitude e intervenção na sociedade portuguesa e que se revela de forma indiscutível, por exemplo, no facto de na última sessão legislativa, o PCP ter sido o partido que apresentou mais projectos-lei, que se revela no nosso valioso trabalho no poder local democrático, que se revela no empenho em ajudar a resolver problemas de que damos mostras em toda a parte, que se revela nas iniciativas que vamos desenvolver ainda mais, de reflexão sobre os grandes problemas nacionais para garantir um novo rumo para Portugal e uma vida melhor para os portugueses.

Não a um Orçamento ditado por Maastricht

Aproxima-se a data da apresentação pelo Governo de um novo Orçamento, o Orçamento do Estado para 1997, e esse facto tem dado origem a muitas declarações, notícias e pretensos «factos políticos» centrados sobretudo na atitude de voto dos diversos partidos.

O PCP não tem por hábito anunciar antecipadamente o seu voto em relação a documentos que ainda nem foram apresentados e não são conhecidos.

Mas também não há nenhuma razão para que se crie qualquer «suspense» em relação ao voto do PCP.

Os portugueses podem desde já ficar a saber que se, como resulta claramente do discurso e das opções governamentais, o Orçamento de Estado para 1997 mantiver as grandes orientações que já presidiram ao anterior Orçamento, o PCP votará contra.

E fá-lo-á em estrito respeito dos seus compromissos eleitorais e em estreita coerência com a sua atitude anterior, nisso se distinguindo quer do PSD, que não tendo a coragem de assumir que vai deixar passar o Orçamento de Estado porque no fundo está de acordo com as suas linhas mestras, ou de inventar ou de fingir que o fará para evitar eleições antecipadas, quer distinguindo-se do PP que, também não tendo nenhuma divergência de fundo como se viu pela sua viabilização do Orçamento de Estado anterior, veio dar agora uma pirueta falsamente oposicionista, só porque o PSD lhe roubou o papel de muleta do PS.

É necessário chamar a atenção para que o PS, PSD e PP estão muito

FESTA

Intervenção de Carlos Carvalhas

interessados em que a respeito do Orçamento, só se fale de votos, só se fale se este passa ou não passa.

Para eles, esta é a melhor forma de matar um verdadeiro debate nacional sobre os problemas e necessidade do País, de amordaçar ou restringir um verdadeiro confronto de opiniões e sobretudo de silenciar as propostas alternativas do PCP.

Para eles, essa é a melhor forma de levarem os cidadãos a desistirem de ter opinião, porque os jogos já estariam feitos e só lhes restaria assistir passiva e resignadamente ao «espectáculo» do costume.

O debate parlamentar e as votações dos partidos são muito importantes, mas a democracia não pode ficar por aí.

Por isso, na Assembleia da República e fora dela, defenderemos, proporemos e lutaremos para que o próximo Orçamento represente uma primeira mas significativa alteração na repartição da carga fiscal, para que se concretize uma efectiva redução do insuportável peso dos impostos que incide sobre os trabalhadores.

Porque, para nós, é inaceitável que sejam os trabalhadores por conta de outrem a suportar o essencial da carga fiscal, ao mesmo tempo que são isentos ou favorecidos por escandalosos e ilegítimos benefícios fiscais os rendimentos do grande capital e em particular, os rendimentos e as parasitárias aplicações imobiliárias e financeiras de natureza especulativa.

Na Assembleia da República e fora dela, lutaremos para que esse Orçamento seja dotado das verbas necessárias para que as pensões e as reformas, em particular e justamente as mais baixas, tenham um aumento real significativo e não apenas uma mera evolução na continuidade da inflação.

Porque, para nós, está fora de causa que quaisquer cegas e nefastas orientações supranacionais quanto ao nível do défice orçamental, ditadas por Bruxelas, pela União Europeia, se possam sobrepor às legítimas aspirações e direitos dos pensionistas e reformados a um dia-a-dia menos dramático e a um nível de vida minimamente digno.

Na Assembleia da República e fora dela, proporemos e defenderemos que os salários dos mais de 500 mil trabalhadores da função pública tenham uma evolução claramente acima da inflação.

Porque para nós, é intolerável que sejam os trabalhadores a suportar, sozinhos e sempre, a factura dos apertos e restrições da política de direita, e porque o aumento dos salários reais é um factor necessário para o aumento da produção nacional e do emprego de que Portugal tanto carece.

Na Assembleia da República e fora dela, bater-nos-emos para que o investimento público não seja sacrificado no altar sem alma de um défice determinista e sem qualquer fundamento técnico, económico ou social.

Porque, para nós, é inadmissível que o objectivo de uma moeda única, contrária aos interesses da economia e do emprego nacionais, adie indefinidamente a satisfação das carentes necessidades do País em habitação social, em equipamentos escolares, culturais e desportivos, em centros de dia e lares para os mais idosos, ou em centros de saúde e hospitais.

Na Assembleia da República e fora dela, seremos inflexíveis na defesa do aumento substancial das dotações para a educação.

te televisivo com os principais responsáveis do PSD, do PCP e do PP, mas a realizar só depois da aprovação do Orçamento de Estado.

A nossa proposta é a de que esse debate se realize não depois, mas antes da sua aprovação e logo a seguir à sua entrega na Assembleia.

Calculamos que ao Primeiro-Ministro esse debate só lhe convenha depois do Orçamento de Estado estar aprovado, ou porque se quer apresentar perante o país com esse facto consumado ou porque tem medo que um debate feito antes possa complicar o «arranjinho» que está encaminhado com o PSD e que nenhuma interpelação, como a agora anunciada, disfarçará.

Mas nós estamos certos que o que convém ao esclarecimento dos portugueses, ao fortalecimento do seu direito a reflectir e ajuizar directamente sobre os pontos de vista e as propostas em presença, é que esse debate, como agora propomos, se realize antes da votação do Orçamento.

Os perigos da Revisão Constitucional

Apesar da premência e da gravidade dos problemas de carácter económico e social que afectam o quotidiano dos portugueses e a vida do país, é indispensável que os trabalhadores e os democratas prestem particular atenção aos perigos que decorrem do processo em curso da revisão da Constituição.

Como resultado da linha de completa cedência do PS à direita em matéria de regionalização, PS, PSD e PP já se entenderam para criar o grave precedente de sujeitar a referendo uma reforma democrática que há 20 anos está consagrada na Constituição, já se entenderam para criar a monumental trapalhada de dois referendos que até podem dar resultados contraditórios, e até já se entenderam para estabelecer que os referendos só valem se neles participarem 50% dos eleitores, o que é uma exigência que não existe para nenhuma eleição e que, neste caso concreto, põe a abstenção a contar contra a concretização da regionalização.

Por outro lado, PS e PSD, que continuam hipocritamente a falar de um referendo sobre integração europeia, já se entenderam, tal como fizeram em 1992, para impedir que os portugueses se possam pronunciar em referendo sobre a ratificação ou não por Portugal da revisão do Tratado de Maastricht e sobre a participação de Portugal na moeda única.

Para além do devastador ataque aos direitos sociais que os projectos de revisão do PSD e do PP contêm, é particularmente preocupante o perigo da convergência do PS com a direita no que chamam pomposamente a «reforma do sistema político» mas que se refere sobretudo a alterações de carácter antidemocrático às leis eleitorais, mutilando ou destruindo o princípio da proporcionalidade.

Muitos portugueses não sabem mas é indispensável que fiquem a saber que, quanto às eleições autárquicas, o PSD propõe essa vergonha e esse escândalo que seria dar administrativamente ao partido mais votado, mesmo que com uma maioria relativa, o bônus de ficar com a maioria absoluta dos vereadores. É indispensável que os portugueses, que há 20 anos elegem as Câmaras Municipais pelo sistema proporcional e assim podem determinar não só quem é o Presidente mas também quem são os vereadores, fiquem a saber que o PS quer acabar com eleição directa das Câmaras e quer que o Presidente da Câmara seja o primeiro candidato para a Assembleia Municipal criando um sistema em que fica com todos os vereadores que aliás poderá escolher a seu belo prazer, assim acabando com a representação pluralista nos executivos municipais e acabando com qualquer possibilidade de fiscalização efectiva da gestão municipal.

Muitos portugueses não sabem mas é indispensável que fiquem a saber que PS, PSD e PP, sob a capa de conversa fiada sobre a «aproximação dos deputados aos eleitores» propõem alterações no sistema eleitoral para a AR que, a irem por diante, viciariam a representação parlamentar, colocariam os votos em alguns partidos a valerem mais

que os votos noutros, com o claro intuito de prejudicar o PCP. O Secretário-Geral do PS anda há dois anos a proclamar que quer círculos uninominais (círculos em que apenas se elege um deputado) mas com respeito da proporcionalidade. Só é pena que o Secretário-Geral do PS em dois anos nunca tenha conseguido dar uma explicação decente de como é que resolve essa verdadeira quadratura do círculo que anda a propagandear. O Secretário-Geral do PS anda há dois anos a propagandear que só com círculos uninominais é que cada eleitor pode ficar a saber quem é «o deputado que o representa».

Só é pena que, em dois anos, o Secretário-Geral do PS ainda não tenha



Porque este é um investimento estratégico e indispensável para possibilitar um futuro melhor para o País e em especial para os nossos filhos, para a juventude. Mas também porque é para nós rejeitável que uma proclamada «paixão» para captar votos em período eleitoral possa vir a ser rapidamente transformada num «divórcio» frustrador das legítimas expectativas dos professores, dos encarregados de educação e, especialmente dos estudantes.

E mais: com vista a favorecer um largo debate nacional sobre os reais problemas do País em relação com o próximo Orçamento do Estado, **adiantamos uma proposta.**

Há tempos, o Primeiro-Ministro declarou-se disponível para um deba-

FESTA

conseguido perceber que, em círculos em que só se elega um deputado, todos os votos que não forem para o candidato vencedor são votos de cidadãos que o PS intencionalmente quer atirar para o lixo, porque não terão a tradução parlamentar correspondente à vontade e às opções dos cidadãos, o que significa um inaceitável golpe nos princípios básicos da própria democracia representativa.

Se o Secretário-Geral do PS acha que os eleitores do PS se sentirão representados por um deputado do PSD só porque foi ele que ganhou, que fique para ele essa sua ofensa aos eleitores do PS.

Pela nossa parte, julgamos poder afirmar com perfeita segurança que os eleitores que votam no PCP e na

CDU só se sentem representados pelos deputados eleitos nas listas da CDU nos quais votaram e jamais se sentirão representados pelos deputados do PSD, do PP e do PS em quem não votaram.

Não fomos nós, mas sim o PSD, quem reclamou encontros e negociações bilaterais com o PS sobre a revisão constitucional, com vista a repetir a negociata e o entendimento que firmaram na revisão de 1989.

Assim sendo, é uma evidência que quando o Secretário-Geral do PS vem agora dizer que aceita encontros bilaterais com todos os partidos, está sobretudo a ceder a uma velha exigência do PSD e a procurar mascarar a negociata a dois, com encontros com os outros.

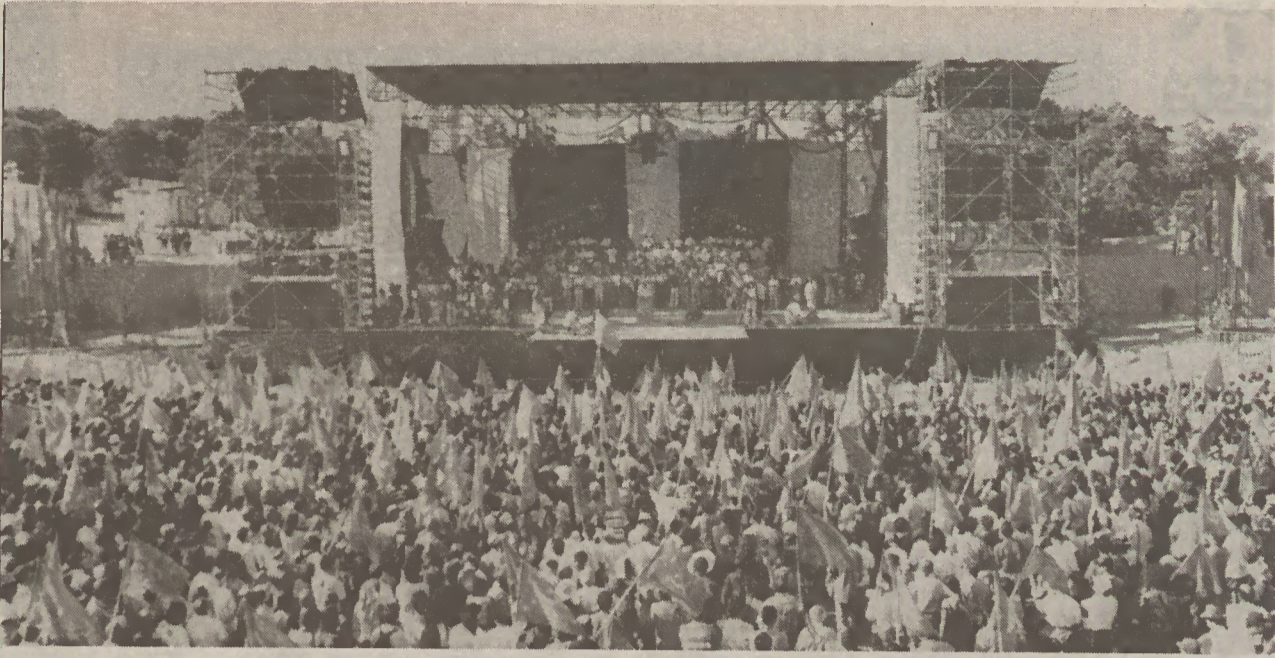
Pela nossa parte, queremos declarar que, por razões de normalidade de relacionamento entre partidos, não temos nenhum problema em ter um tal encontro com o PS sobre a Revisão da Constituição.

Mas entretanto há três coisas que devem ficar inteiramente claras:

— a primeira, é que sobre a revisão constitucional não temos nada para dizer ao PS que não possa ser dito à frente dos outros partidos na respectiva comissão da Assembleia e da opinião pública;

— a segunda, é para dizer que não seremos a cortina de fumo para proteger e camuflar os acordos e entendimentos entre o PS e o PSD que, pelos vistos, têm imensas coisas para dizer um ao outro que não podem dizer à frente de toda a gente;

— a terceira, é para reafirmar que o PCP opor-se-á com todas as suas forças à desfiguração do regime e por todos os meios a qualquer plano de fazer uma revisão constitucional a galope na base de combinações e negociatas de bastidores entre o PS e o PSD e não abdicará do direito de ver debatidas as suas numerosas propostas de efectivo melhoramento da Constituição.



mostrou que uma pequena taxação destas operações daria para cobrir as necessidades essenciais, a nível mundial, dos mais desprotegidos (alimentação, água potável, saúde, educação...).

Mas estas propostas embora não sejam contestadas, foram postas na prateleira pelo grupo dos sete mais ricos!

Por isso o desemprego, como processo maciço e durável, é um corolário da lógica de toda esta engrenagem.

E os sacerdotes e os cortesãos do capitalismo e do neoliberalismo continuam a promover as privatizações de tudo o que é rentável, a fomentar a «economia de casino» e o «endeusamento» do mercado, como uma entidade abstracta, como a panaceia que regula, premeia e condena as actividades do ser humano e a alimentar o «caldo de cultura» onde florescem as actividades mafiosas, o racismo e a xenofobia, a corrupção e o tráfico de droga.

O livre cambismo de funil ao serviço dos mais poderosos e um produtivismo sem limites, comandado pelo máximo lucro que destrói equilíbrios da natureza e envenena as cadeias alimentares, como o ilustra o caso das vacas loucas, são apresentados como dogmas sem os quais não há progresso.

Por isso os fulgurantes avanços da ciência e da técnica e a revolução informacional, em vez de serem acompanhados pela melhoria do bem estar das populações e por avanços civilizacionais, são acompanhados sim, por regressões sociais, por ataques a conquistas e direitos duramente conquistados.

Isto é inaceitável e intolerável.

Como é inaceitável e intolerável o facto de, na União Europeia, o Rendimento Nacional ter crescido ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, ter

recursos e dos meios para satisfazer as necessidades das populações que eles se podem superar.

A resposta aos problemas contemporâneos não está na «lei da selva», nos *diktats* dos mercados financeiros — leia-se Banca e Bolsas — mas na utilização ao serviço do homem, das possibilidades técnicas e científicas que hoje estão disponíveis.

A resposta aos problemas dos trabalhadores não está na precarização das relações laborais, em nome da «santa» competitividade; nos «cantos de sereia» de pôr os explorados a partilhar o salário e o emprego; não está na passividade ou nas regulações supranacionais, de facto comandadas pelas transnacionais ou, em idealisticamente

fantasiar um capitalismo bom, depurado das suas taras e contradições ou acreditar no filantropismo dos grandes privilegiados da fortuna, mas na luta de massas, nas lutas complementares, comuns ou convergentes dos trabalhadores a nível de cada país e no nosso espaço, ao nível da União Europeia, pelo aumento dos salários, pelos direitos, pela redução do horário de trabalho, pela concretização do princípio da coesão económica e social.

A resposta aos problemas da humanidade, reafirmamos, não está em querer entrar-se no Séc. XXI, com uma «nova ordem» hegemónica pelo capitalismo e policiada imperialmente pelos EUA, com os direitos sociais dos cidadãos e as conquistas dos trabalhadores reconduzidos ao nível do princípio do século, numa civilização de precariedades, desigualdades e de mercantilismos financeiros, mas sim na defesa e no aprofundamento do património histórico de direitos duramente conquistados pela luta da classe operária, dos trabalhadores e dos povos ao longo de decénios.

A resposta aos problemas da humanidade não está nas receitas dos guardiões do «Templo», dos interesses dominantes ancorados nos dogmas do neoliberalismo procurando retardar e aprisionar a esperança e o futuro dos povos numa pretensa eternidade, superioridade, ou falta de alternativa ao capitalismo, nem está também, no regresso ao passado, a um modelo que se afastou e se opôs aos ideais comunistas, mas sim na vontade e coragem de lutar pela transformação social, pela construção de novas sociedades libertas da alienação e da exploração do homem pelo homem, num projecto enriquecido, renovado, efectivamente democrático, participado e construído pela acção e intervenção das massas populares, que acolha o melhor do património já conquistado pela humanidade e que esteja aberto para as necessidades que o devir histórico seguramente trará.

É nesta perspectiva que o nosso Partido encara o presente e o futuro. Estamos confiantes que o nosso experimentado colectivo partidário saberá estar à altura das suas tradições e responsabilidades e que o nosso Congresso representará um novo fôlego na iniciativa, poder de atracção, ligação aos trabalhadores e acção do PCP na luta pelos seus ideais e projecto, prosseguindo a renovação e a afirmação do seu insubstituível papel na sociedade portuguesa, na luta pelo aprofundamento da democracia, pelo bem-estar do povo, pelo socialismo para Portugal.

Estamos confiantes que o nosso Congresso será um importante impulso para a questão essencial do reforço da ligação do nosso Partido aos trabalhadores e para o aumento da sua influência social, política e eleitoral, fundamental para que Portugal venha a ter de facto uma nova política.

Mas para isso não basta reafirmar o que está adquirido. Ao reafirmar-se com convicção e firmeza a vinculação à nossa identidade, à doutrina, ao nosso património político e ideológico, ao partido que somos e que queremos que continue a ser nas suas características fundamentais é necessário também continuar a dar resposta aos novos problemas da sociedade e a novos e velhos problemas da organização partidária e é necessário que o rejuvenescimento, a responsabilização de jovens e mulheres, a renovação e o aprofundamento da análise que os novos fenómenos e o curso da vida e da realidade constantemente exigem tenha tradução concreta no desenvolvimento de orientações e soluções, isto é, que estejamos revolucionariamente despertos e atentos à mudança e às exigências do nosso tempo.

Que estejamos firmemente voltados para o futuro.

Que estejamos firmemente empenhados em reforçar a unidade, os laços de fraternidade e solidariedade do nosso colectivo partidário e a nossa democracia interna, vendo como uma riqueza e nova seiva para a coesão e dinâmica do Partido, o profundo debate interno, a diversidade de percursos, de origens sociais, de experiências e de opiniões dos diversos militantes.

Partimos desta Festa e deste combativo Comício com ânimo e energias renovadas sabendo que há muito caminho a percorrer, mas sabendo também, sem qualquer atitude de jactância, que somos um grande Partido, o grande Partido da alternativa, o grande Partido da esquerda, o Partido Comunista Português, que honra os seus compromissos, que não desiste perante as dificuldades e que sem hesitações luta e orienta a sua actividade pelos valores da fraternidade, da solidariedade, pelos valores humanistas, pelos valores da liberdade, da democracia, da paz e do socialismo.

Viva Portugal
Viva a 20ª Festa do Avante!
Viva a JCP
Viva o PCP



Com confiança e voltados para o futuro

Passados os tempos do «capitalismo triunfante» e das sentenças de morte do comunismo, das ilusões do progresso social em geral e da paz mundial, são cada vez mais os que se dão conta que o capitalismo não mudou de natureza e que vai condenando à miséria e à pobreza e excluindo de um nível de vida digno milhões e milhões de seres humanos.

A polarização da riqueza e da pobreza continua a processar-se e a acentuar-se, quer a nível planetário, quer a nível de cada país, nomeadamente onde o fundamentalismo neoliberal mais se faz sentir (Inglaterra e EUA), como mais uma vez o sublinhou um recente Relatório da ONU.

Crescem os meios financeiros que são afastados da esfera produtiva e que, a um nível sem precedentes, circulam à volta do mundo à «velocidade da luz», nas operações especulativas e parasitárias.

Com cálculos confirmados pela ONU, um economista Prémio Nobel

diminuído o poder de compra da maioria e ter crescido exponencialmente os rendimentos dos capitais, os patrimónios e as fortunas de uma minoria.

E tudo isto é teorizado, propagandeado e divulgado como um «Pensamento Único», como a única via, como uma necessidade e uma modernidade. É a teoria, também consagrada na prática pelo PS, de que é necessário que os ricos sejam cada vez mais ricos para que os pobres sejam um pouco menos pobres...

Mas contrariamente ao que nos dizem os teólogos do neoliberalismo ao serviço do grande capital a «mundialização» não é um dado que escapa às decisões políticas nacionais e que condena os povos e as nações à impotência.

A resposta aos problemas da humanidade não está na resignação, na aceitação da superexploração dos povos, na pilhagem das riquezas nacionais, na guerra económica, na competição encarada como lógica de guerra, mas na luta e na tomada de consciência de que é através da cooperação, da colocação em comum dos saberes, da utilização racional dos

20
ANOS
Festa
Juventude!
6, 7 e 8 SETEMBRO
ACALAJÁ-AMORÁ-IBICALÁ





Álvaro Cunhal

Não há alternativa possível sem o PCP

Camaradas e amigos:

Há razões bastantes para terminarmos a Festa do "Avante!" com a feérica alegria deste grandioso comício.

Porque a Festa valeu por si mesma como realização político-cultural de massas sem paralelo no nosso país.

E porque foi mais uma confirmação do PCP como grande partido nacional com uma política clara, grande abertura, voltado para a vida, com raízes profundas e indestrutíveis no povo português.

A Festa do "Avante!" é nossa, dos comunistas.

Mas, a todos os que, não sendo comunistas, querem um futuro melhor para o povo português e a pátria portuguesa aqui dizemos: a Festa do "Avante!" é também vossa porque é a Festa da liberdade em que Abril está presente, a festa da confraternização e da confiança no futuro.

É vossa, das mulheres, porque vós, mulheres, que mostrais elevada consciência política e combatividade em todas as frentes de luta, sabeis que tendes no PCP um firme defensor dos vossos direitos.

É vossa, da juventude, porque vós, os jovens, sabeis que este partido está sempre ao vosso lado, estimulando a vossa afirmação própria, a vossa reflexão e a força da vossa rebeldia e da vossa vontade.

Assim como vós confiais no PCP, o PCP confia na juventude para assegurar o seu próprio futuro e o futuro de Portugal.

1

Não somos um partido que corra atrás do vento, atrás de uma utopia.

Somos um partido educado na prática da luta revolucionária desenvolvida sempre com objectivos concretos a alcançar, no imediato e a curto e a médio prazo.

Pela conquista da liberdade e da democracia nos tempos da ditadura. Na instauração e institucionalização do regime democrático na revolução de Abril. Na resistência à política de destruição das conquistas de Abril e de reconstituição e restauração do capitalismo monopolista desde 1976 até hoje.

Hoje, concentramos e devemos concentrar as nossas forças, capacidades, recursos, energias, militância, para pôr fim à política de direita - política antidemocrática antipopular e antinacional - agora do Governo PS mas continuando, por cópia a papel químico, a política do PSD.

As querelas entre PS e PSD são querelas de concorrência pelo poder e de clientelas.

São querelas entre compadres que apadrinham um mesmo afilhado - o grande capital - que afinal é quem manda nos dois padrinhos.

PSD e PS cantam música diferente, mas com a mesma letra.

O que ambos estão tramando em conjunto é impor ao país um sistema não de alternativa mas de alternância, de exclusivo dos dois no poder - ora um, ora outro - atrelando o PP à ilharga se dele precisarem.

A nossa grande tarefa actual é lutar contra a política de direita e por uma política democrática, defender firmemente os interesses dos trabalhadores, do povo, do país, lutar por uma viragem democrática na política nacional.

Lutaremos por este objectivo até que seja alcançado. E sê-lo-á.

O PCP está à altura de desempenhar tal responsabilidade, não porque tenha cedido às pressões e aceitando integrar-se no sistema de domínio do grande capital, mas precisamente por razão inversa: por responder à situação e à mudança com

novas respostas, continuando a ser o partido comunista com a identidade própria que o seu nome "comunista" define.

2

O PCP nasceu pela necessidade da classe operária e dos trabalhadores em geral terem um partido completamente independente dos interesses, dos objectivos e da política do capitalismo.

Como tal se desenvolveu e se tornou um grande partido nacional.

A sua natureza de classe é o fundamento dos fundamentos da razão de ser da sua intervenção na vida política, dos seus princípios teóricos, dos seus objectivos, da sua orientação e da sua luta.

A luta em defesa dos justos interesses e direitos dos trabalhadores actualmente, sujeitos a novas e ainda mais ferozes condições de exploração e à liquidação de muitos dos seus direitos fundamentais dos quais a solução dos grandes pro-



blemas nacionais é inseparável é uma constante da acção comunista.

Mas a política de direita, a restauração do capitalismo monopolista, atinge também violentamente os interesses e direitos dos mais vastos sectores sociais nomeadamente os agricultores, os intelectuais, os quadros técnicos, os pequenos e médios comerciantes e industriais, os reformados, os deficientes.

Pela sua acção e as suas propostas o PCP, partido dos trabalhadores, é também o melhor defensor dos interesses dessas classes e sectores. A acção do PCP e a consciência política e a força combativa dos trabalhadores desempenham papel determinante para a sua dinâmica de desenvolvimento da poderosa frente social em movimento contra a política de direita e terão igualmente um papel determinante para a sua derrota.

No quadro actual das forças políticas só o PCP está em condições de ser o partido dinamizador e mobilizador das forças e energias para alcançar tal objectivo.

Há uma realidade da qual cada vez mais portugueses tomam consciência.

Não há alternativa democrática possível sem o PCP.

3

Nós concentramos e sempre concentrámos forças na luta com objectivos imediatos a curto e a médio prazo. Mas, ao

contrário do PS, não trocámos o cravo vermelho por rosas desmaiadas; nem metemos o socialismo na gaveta.

Não somos apenas o único grande partido que defende e propõe Uma Nova Política, uma política de Esquerda. Temos sempre no horizonte a construção em Portugal de uma sociedade libertada da exploração capitalista, de uma sociedade socialista.

Aprendemos com a vida, com a nossa própria experiência e com a experiência de outros países, com as vitórias e com as derrotas. O nosso projecto não é um "modelo" que afastando-se de elementos essenciais do ideal sempre proclamado dos comunistas foi um factor (admitimos que o principal) que conduziu ao desastre a União Soviética e os regimes do leste da Europa.

A sociedade socialista que queremos para Portugal é uma sociedade em que seja posto fim à exploração do homem pelo homem, em que seja posto fim às grandes desigualdades e injustiças sociais, em que seja erradicada a miséria, a fome, a marginalização e exclusão social de milhões de portugueses, em que o desenvolvimento económico seja assegurado com a dinamização do aparelho produtivo para bem do povo e do país e em que as liberdades e direitos dos cidadãos sejam

assegurados no quadro de uma democracia integrante do projecto comunista "mil vezes mais democrática que a mais democrática das democracias burguesas".

A nossa luta actual por uma política democrática não é apenas de conjuntura. É para "novo rumo para Portugal". É parte constitutiva da nossa luta pelo socialismo.

Afirmamos hoje, como sempre afirmámos, que uma sociedade socialista não pode ser imposta e só se constrói com o empenhamento das massas populares. Queremos o socialismo e o comunismo em Portugal quando o povo português o quiser também.

4

Com tal natureza, tais objectivos, tal coerência, tal

luta, compreende-se que o PCP tenha sido sempre considerado pelas forças do grande capital e ao seu serviço, o grande inimigo a abater, a destruir.

Foram 48 anos de repressão fascista.

Foram tentativas de golpes contra-revolucionários e o terrorismo bombista depois do 25 de Abril.

Foram e são discriminações, e tentativas baldadas de marginalização do PCP pelos governos de direita.

No tempo do fascismo chegaram a anunciar que o PCP tinha morrido.

Em tempos recentes anunciaram que iria morrer.

Afinal, como bem se vê, o PCP está vivo e de boa saúde.

O capitalismo e as forças de direita têm de conformar-se. Não conseguiram, não conseguem e não conseguirão destruir o PCP, porque este tem raízes profundas no povo, implantadas pela luta dedicada, coerente e heróica de gerações e gerações de comunistas.

Têm também de conformar-se com a ideia de que não conseguiram e não conseguirão nem destruí-lo por campanhas, perseguições e discriminações lançadas de fora nem que outros o destruam por dentro.

Alguns dos que o tentaram, pelo que são hoje, zelosos servidores com pastas e postas no PS e PSD, mostram o que queriam fazer do Partido, começando por provocar a sua divisão.

Para desolação do PS e PSD que se debatem em conflitos, conspirações e guerrilhas internas, para desfeita de especu-

FESTA



lações e intrigas, o PCP apresenta-se perante o povo com uma indestrutível unidade interna que constitui um dos fundamentos mais sólidos da sua força e da sua capacidade de intervenção.

5

Esta unidade do Partido assenta na sua natureza de classe, nos objectivos que determinaram a sua criação e a sua luta ao longo dos anos, e na teoria revolucionária que o inspira, pois sem unidade ideológica não haveria unidade política, de projecto e de acção.

Assente também na **democracia interna do Partido**. A nossa democracia é liberdade e direito à opinião e à crítica, são direitos e deveres que a todos respeitam, é o trabalho colectivo, é a participação criativa dos membros do Partido, é ainda a concepção do Partido como um grande colectivo militante que reflecte, que pensa, que debate e que decide.

Não nos serve a falsa democracia interna de um PS, de um PSD, de um PP. Neles depois de uma luta de galos em que aos membros do partido é reservado apenas o papel passivo de apoiarem e votarem por um ou por outro, e o chefe que pensa e decide segundo a sua opinião individual - eu quero, eu posso, eu mando.

Seria incompatível com direitos e liberdades fundamentais que (como alguns pretendem) um tal "modelo" viesse a ser inconstitucionalmente imposto por lei a todos os partidos.

A democracia interna do PCP, tal como o PCP a concebe e pratica no desenvolvimento criativo do centralismo democrático tem ainda outra virtude a par da ampla iniciativa das organizações e militantes, a par de medidas descentralizadas, a par de soluções diversificadas segundo as condições concretas de cada organização e sector, **todo o Partido se empenhe na concretização da orientação geral decidida pelos Congressos e, no intervalo dos Congressos, pelo Comité Central.**

Em matéria de democracia, tanto nos objectivos e intervenção na sociedade como na vida interna, o PCP não tem a receber lições de ninguém.

6

A capacidade de responder às novas situações, a vitalidade e validade das nossas análises, da nossa luta, das nossas propostas é possível porque temos **uma teoria revolucionária.**

A propaganda ideológica do capitalismo proclama que o pensamento teórico de Marx e de Lênine - sobretudo de Lênine porque foi o grande dirigente da primeira revolução socialista vitoriosa na história da humanidade - está ultrapassado e enterrado e lançam a ideia de que um partido que se inspire em tal pensamento teórico tem de ser discriminado e marginalizado.

Pretendem que os partidos comunistas e outras forças revolucionárias se desarmem ideologicamente, para mais facilmente os derrotarem.

Só quem não conheça o PCP poderia pensar que o PCP cedesse a tais pressões e ameaças.

É uma verdade histórica que o marxismo-leninismo, inspirando as massas populares por todo o mundo, se tornou uma força material da sua luta emancipadora, das suas vitórias e conquistas, das grandes transformações e conquistas revolucionárias do século XX.

Dialéctico, criativo, antidogmático, continua a dar e a inspirar novas respostas teóricas às profundas mudanças da sociedade e do mundo, a dar uma base científica à renovação das análises, dos conceitos e dos princípios teóricos e a fornecer explicações, instrumentos e ensinamentos válidos para a luta dos trabalhadores e dos povos na época histórica que vivemos.

Não é só para explicar e justificar o passado mas para romper, descobrir e apontar os caminhos do futuro que o PCP se afirma um partido marxista-leninista.

7

Patriótico que é, o PCP é também internacionalista.

O internacionalismo é um princípio, é uma atitude, é uma prática, é um dever e é uma luta.

Perante as numerosas delegações de outros países que participam solidários na nossa Festa, queremos aqui afirmar que, tal como no passado, somos e continuaremos a ser solidários para com os trabalhadores e os povos de todos os países.

Para com o movimento operário e suas organizações de classe em luta contra a exploração.

Para com os partidos comunistas e outras forças revolucionárias e progressistas.

Para com os que lutam pela liberdade e a democracia contra ditaduras fascistas e reaccionárias.

Para com Cuba, a China, o Vietname, o Laos, a Coreia do Norte, que com orientações diversificadas - em muitos aspectos não coincidentes com o nosso projecto - insistem no objectivo de construir o socialismo.

Para com os partidos que na ex-União Soviética e em países do leste da Europa, tirando as lições do passado, procuram encontrar novos caminhos para retomar a construção da sociedade nova.

Para com aqueles que nos países que conquistaram a independência, nomeadamente nas antigas colónias portuguesas, insistem em que sejam os seus povos a decidir do seu destino.

Para os que lutam pela independência nacional e contra a dominação, as ingerências, intervenções, agressões militares do imperialismo.

Para os que lutam contra nova agressividade fascista, o racismo, a xenofobia.

Em condições e com influência diversas nos respectivos países, procurando e seguindo caminhos também diversos, os comunistas continuam sendo uma grande força no mundo, e, com outras forças revolucionárias e progressistas, constituem um elemento decisivo na resistência à exploração, ao domínio, às agressões e aos crimes do imperialismo.

O imperialismo dispõe de poderosos instrumentos financeiros, económicos, políticos, diplomáticos e militares comuns a nível regional e mundial.

Estreitar os laços de solidariedade, amizade e cooperação entre os trabalhadores, os comunistas, as forças revolucionárias de todos os países e multiplicar as iniciativas

comuns ou convergentes é um imperativo da actual situação mundial.

A teoria esclarece e a vida revela e confirma que o capitalismo não venceu nem vencerá a sua crise geral e as suas insolúveis contradições e que é inevitável **um novo surto mundial da luta libertadora dos trabalhadores e dos povos, do movimento comunista, dos movimentos revolucionários e progressistas, pois temos por certo que serão os povos a dizer a última palavra.**

8

Comemoramos este ano os 75 anos do Partido.

Luta heróica de gerações de comunistas, sempre com os trabalhadores, sempre com o povo português e a pátria portuguesa, sempre solidário com a luta mundial dos trabalhadores e dos povos oprimidos e com as revoluções socialistas, democráticas, nacional-libertadoras.

Bem desejariam outros partidos que o PCP não tivesse os 75 anos de luta de que se orgulha.

Alguns dizem à maneira de um conselho que o passado do PCP compromete o seu presente e o seu futuro e que o PCP só teria a ganhar se se libertasse do passado e ao passado opusesse o presente.

Alguns comentadores vão ao ponto de aconselhar o PCP a mudar de nome, porque, segundo eles, o nome "comunista" é de um passado morto, provoca reservas e é um obstáculo à integração do Partido na vida a que chamam democrática.

Nós compreendemos que um partido que se desacredita, desacredita o seu próprio nome. O PPD desacreditado crismou-se de PSD. O CDS desacreditado crismou-se de PP. O PS desacreditado não se crismou ainda, mas, uma vez que abandonou o socialismo, até seria coerente se se crismasse também - Partido Neo-Liberal, por exemplo, perdoe-se a sugestão.

O PCP é diferente. O prestígio e crédito do PCP resultam da sua natureza, da sua luta de sempre até hoje, da sua coerência e da sua história de ser e querer ser aquilo que tem um nome - o Partido Comunista Português.

A história do PCP, a sua identidade e o seu nome são património de todo o Partido e os militantes sabem e saberão manter vivo esse património como um elemento constitutivo do seu prestígio, da sua identidade, da sua influência e da sua força.

*
* *

A vida prova que o PCP é necessário, indispensável e insubstituível aos trabalhadores, ao povo, ao país.

Com a experiência e o valor do seu passado e da sua vigorosa acção presente, o PCP é também o grande partido do futuro.

A Festa do "Avante!" e este grandioso comício são disso confirmação.

A luta continua e continuará. O caminho é difícil, mas a vitória será nossa!

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva a JCP!

Viva o Partido Comunista Português!



Carlos Brito

Esta maneira humaníssima de conviver

Camaradas e amigos:

Tal como o «Avante!», da passada quinta-feira, as minhas primeiras palavras são para prestar homenagem aos construtores da Festa, neste grande comício que constitui o momento mais alto da sua vigésima edição.

Sigo o editorial do nosso jornal, repetindo: «manda a justiça que se preste homenagem a todos os obreiros da Festa, a todos aqueles que ao longo destes 20 anos, nas diferentes vertentes em que ela se edifica, a souberam guindar ao lugar tão raro que ocupa na realidade e no imaginário nacionais e assim também contribuir para o prestígio do PCP e do jornal «Avante!»».

Foi com muito esforço, com muita devoção e sacrifício, com muita criatividade e qualidade, com vigor revolucionário e patriótico e com autenticidade democrática, foi verdadeiramente a pulso, que a nossa Festa foi conquistando o respeito, o apreço e até a admiração de sectores nacionais cada vez mais largos, com realce para a adesão crescente de larguíssimas áreas da juventude.

Hoje, no vigésimo ano da sua realização, a Festa do «Avante!» como que atinge a consagração. Não há órgão de comunicação com alguma importância que não fale dela. Vários têm-no feito de forma extensa, objectiva e positiva. Outros, claro, com os rancores, as invejas e os facciosismos habituais. Devemos prepararmo-nos para os denegrimientos e até para os silenciamentos do costume sobre, por exemplo, o que vai dizer-se neste comício, por parte daqueles que afirmarão depois que não dissemos nada de novo.

Mas a verdade é que a Festa do «Avante!», que se tornou o maior acontecimento nacional no seu género, já não pode ser ignorada e só com escândalo pode ser silenciada.

Eu vejo em todos vós, em todos nós, em todos que os demos algum contributo para a sua realização, ao longo dos anos, mesmo que só o contributo da presença, um sadio, confiante e transparente regozijo pelo êxito histórico da nossa Festa e pelo êxito de mais esta Festa. Este regozijo pelo objectivo atingido dá muita força e constitui um incentivo muito especial para continuarmos!

Sabemos contudo que este êxito não dependeu só dos construtores e dos frequentadores, foram essenciais os múltiplos apoios ou tão-só a compreensão cooperante que recebemos de autarquias, de federa-

ções e de associações desportivas e recreativas, de departamentos oficiais, de forças de segurança, de empresas públicas e privadas. A todos manifestamos os melhores agradecimentos. Reservamos um obrigado mais explícito para todos os nossos vizinhos, em especial para a Câmara do Seixal, a Junta de Freguesia da Amora e para o Amora Futebol Clube.

Julgo que posso declarar que se enganam redondamente os que dizem, como uma certa publicação, que se vem à Festa para «reacender as ilusões perdidas».

Vimos à Festa do «Avante!» para mergulhar nesta maneira humaníssima de conviver.

Vimos para fruir esta cidade de música, arte, cultura, desporto e de pura festa popular.

Vimos para afirmar a adesão profunda aos ideais da liberdade, da justiça, da solidariedade, do socialismo e do comunismo.

Vimos, de modo muito concreto, para nos apetrecharmos melhor para um ano político de complexas e importantes tarefas, onde se salienta a realização do XV Congresso do PCP, que compreende múltiplos debates e trabalhos preparatórios e é acompanhado de uma campanha de adesões ao Partido que reveste a maior importância.

A Festa não marca apenas o calendário político nacional. É também um ponto de encontro da solidariedade internacionalista onde se reúnem anualmente representantes de Partidos Comunistas e membros de outros Partidos Revolucionários e Progressistas vindos das diversas partes do Mundo. Regozijamo-nos com a participação na nossa Festa de 40 delegações estrangeiras. Saudamos fraternalmente os nossos camaradas, amigos e convidados vindos da Alemanha,



Angola, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Chile, China, Coreia, Cuba, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Iraque, Itália, Israel, Kurdistan, Japão, Líbano, Marrocos, Moçambique, Nepal, Nicarágua, Palestina, Peru, Sahara Ocidental, Suécia, Timor-Leste, Vietnam.

A Festa do nosso jornal é um lugar muito adequado para alertar para a crise da imprensa escrita que atinge a difusão de todos os jornais do país, diários e semanários.

Esta crise não é saudável para a nossa democracia. Não é favorável à objectividade e pluralismo na informação que esta se torne de forma crescente num quase monopólio do audiovisual. É sobretudo necessário aumentar decididamente a difusão do «Avante!». É preciso ler e com-

prar mais o «Avante!». É preciso vender mais o «Avante!» e angariar mais assinaturas do nosso jornal. É tanto mais importante fazê-lo, quanto é ele que na imprensa combate firmemente a política de direita e dá plena voz às posições do nosso Partido.

Desejo a todos um bom regresso às vossas terras, ocupações e tarefas diárias, seguro de que ideário da nossa Festa vos dará mais esperança e determinação para as batalhas da vida e da luta, do presente e do futuro.

Viva a Festa do «Avante!»

Viva o jornal «Avante!»

Viva o Partido Comunista Português

Maria Ribeiro

E porque vivemos a transformar a vida

Camaradas e amigos:

É com grande orgulho que a JCP saúda os 20 anos da Festa do Avante! São vinte anos de história, mas também vinte anos de uma festa cada vez mais jovem!

Camaradas:

Sabiam que o Governo PS, com a sua política educativa, conseguiu 6.000 chumbos nas provas de Matemática, Física, Latim, entre outros? Sabiam que este ano há menos 18% de candidaturas ao ensino superior? Sabiam que para o nosso Ministro da Educação «nem todos podem ser doutores»?

Sabiam que a nota mínima serve para criar cursos de primeira e cursos de segunda?

É que já acabou o tempo do grande coração, da enorme paixão pela educação nos slogans do PS. Apesar de todos os protestos dos sindicatos, professores, estudantes e pais, Marçal Grilo avançou com um regime de finalização do 12º ano e acesso ao Ensino Superior, que reforça e agrava as políticas dos anteriores governos PSD.

É a política da suspensão da Lei das Propinas, em vez da sua revogação. É a política de impedir o acesso ao Ensino Superior a ainda mais milhares de estudantes. É reforçar os lucros do Ensino Privado e esquecer que

todos temos direito a uma educação pública, gratuita e de qualidade. É voltar à velha conversa de que «os recursos são escassos». É negociar com a banca e hipotecar o futuro dos estudantes e fingir que o Governo PS sabe e quer dialogar.

Camaradas:

Portugal continua com a mais baixa taxa de licenciados da Europa. A taxa de desemprego não pára de aumentar, sobretudo o desemprego jovem. Com este Governo PS, já aumentou para 150.000 o número de jovens desempregados. Sem falar na precarização dos empregos, das condições de trabalho, do subemprego, dos direitos de quem trabalha. É a mesma política, não mudou como os trabalhadores exigiram na sua luta.

Entretanto, afirmam que com a reforma e o novo sistema de acesso resolvem-se, gradualmente, os problemas das faculdades sobrelotadas, da falta de materiais, cantinas e residências, porque haverá menos alunos. E ainda dizem que não querem enganar os estudantes. É a mesma política de direita. Não mudou como os estudantes exigiram na sua luta. Com o PS já dura há quase um ano. É tempo de exigir novamente uma política diferente.

No V Congresso da JCP, realizado no passado mês de Maio em Lisboa, denunciámos a política de direita do Governo PS.

Desmascarámos os seus argumentos e hipocrisias e descrevemos a situação em que vive a juventude portuguesa. No V Congresso da JCP, afirmámos o nosso ideal, a nossa luta, e sobretudo, confirmámos e demonstrámos a nossa força de sermos muitos e cada vez mais, a razão e justiça das nossas propostas, a nossa vontade de viver a transformar a vida.

E porque vivemos a transformar a vida, é para continuar a denunciar a actual política educativa do PS e apresentar as nossas propostas, que lançamos nesta Festa do Avante a Campanha «Por uma Educação Pública, Gratuita e de Qualidade».

É pela consciencialização de todos e para o debate da escola pública, sobre o direito de todos terem acesso a todos os graus de ensino com sucesso. Uma verdadeira democratização exige um acesso democrático, que o Estado deve assegurar, sem discriminações económicas e sociais do ensino e o seu alargamento. Exige que se cumpra o direito à educação, consagrado pela Constituição Portuguesa.

Vamos recolher milhares de postais com uma mensagem para o Governo, através do Sr. Marçal Grilo. Vamos fazer jornais, pintar murais, pendurar faixas, colar cartazes e divulgar ainda mais as nossas posições e propostas.

Vamos falar da nossa escola, da nossa faculdade, sobre os seus problemas e sobre soluções. Vamos estar nas escolas por todo o país, reforçando a presença da JCP e vamos chamar mais jovens para a nossa luta que é de todos!

Vamos lembrar que é preciso lutar por um direito, para não o perder. Está chegado o momento de exigir, de novo, a mudança prometida e nunca realizada. De mostrar a força da juventude, a sua razão, a sua vontade. Avante, camaradas, porque assim se vê a força da JCP!

Viva a Festa do Avante!

Viva o Partido Comunista Português!

Viva a Juventude Comunista Portuguesa!



os espectáculos



FESTA

'Tá-se bem?

■ Francisco Costa

Mal chegados à boca de cena, quase todos lançavam assim a pergunta às muitas gentes que, em maiores ou menores revoadas, partindo ou chegando ao sabor dos gostos musicais, se iam justapondo ou substituindo no vasto recinto do Palco 25 de Abril, nas tardes e noites de sábado e domingo, os dois dias completos de espectáculos naquele local. No pouco espaço disponível para anotarmos uma pálida ideia do muito que por ali se ouviu, falemos aqui de estreias, confirmações e consagrações.

Estreias

Foram bem representativas dos vários ramos da música popular portuguesa ou feita em Portugal, as estreias dos grupos nacionais nesta 20ª Festa do «Avante!».

Por ordem de entrada em cena, como é de bom tom quando se fala de vedetas e espectáculos, os primeiros louros foram para os Clá, um dos grupos que (bem) representaram o Norte do país. Tendo à frente Manuela Azevedo, cujo

«bichinho da música» a correr-lhe nas veias faz já adivinhar o «bicho de palco» em que rapidamente vai tornar-se, o grupo demonstrou assinalável gosto na concepção geral do espectáculo, num corropio de canções saídas do seu álbum de estreia, em geral inspiradas nos sons musicais urbanos e empenhadas na crítica ao neoliberalismo.

Com os MDA e os Primitivo Reason, as músicas mudaram: no primeiro caso, esteve em primeiro plano quase que integralmente o repertório do seu primeiro álbum «Volume I», uma selecção de temas, quase todos conhecidos,

tratados digitalmente em banda sonora para dançar, com as vozes de Kika, Ana Sacramento e Sam a darem o mote; depois, a banda sediada em Cascais (e constituída por músicos de várias nacionalidades) impuseram os sons e os ritmos em voga no momento: reggae, funk, ska, trash, metal, rap, groove ou hardcore são paladares já familiares do cardápio musical da malta nova servidos, ao que se viu e ouviu, com convicção e intensidade.

Outras e bem diferentes músicas foram as que nos foram oferecidas por dois outros grupos em estreia no primeiro dia da Festa. Por um lado,

os Gaiteiros de Lisboa, exibindo uma impecável e polivalente maestria instrumental (distribuindo-se por uma autêntica panóplia de instrumentos populares, de percussão e de sopro, aqui e ali apoiados pela solenidade da trompa) e constituído bem urdida e harmoniosa teia de vozes, marcaram este ano no Palco 25 de Abril a presença insubstituível da música tradicional portuguesa, num espectáculo de inexcédível bom gosto.

Com músicas cantadas (algumas em português) e (todas) tocadas em ritmo de sabor latino-americano, Raúl Marquez & os Amigos da Salsa constituíram, final-

mente, a última estreia a referir, com sucesso inteiramente merecido: eles proporcionaram-nos um autêntico espectáculo de palco, fluente e colorido na sua dinâmica, e alegre e contagiante na sua organização, com uma secção de metais altamente eficaz e coesa e a percussão a fazer-nos dançar.

Confirmações e consagrações

Foi ainda no final da tarde e no começo da noite de sábado que



Ruí Veloso



Delfins

Mais uma vez!

■ Francisco Costa

«Fomos os primeiros! Mais uma vez!» Era mais ou menos assim que soavam os olhos brilhantes e húmidos ou os sorrisos largos e orgulhosos daqueles muitos e muitos que, mesmo sem trocarmos palavra, cruzávamos os nossos passos entre os bastidores do palco e o amplo recinto pejado de povo, calcorreando as alamedas da Festa em busca de um último reconfortante do as alamedas da Festa em busca de um último reconfortante do petisco ou a caminho das várias saídas no final da noite de



O maestro Miguel Graça Moura e o pianista António Rosado

Metropolitana no início do concerto dirigira aos muitos milhares de pessoas que ali começavam a concentrar-se - citando de cor, «vamos certamente «curtir» esta noite a Grande Música» - eram já, por antecipação, a expressão da certeza de que o desafio iria ser ganho.

Na realidade, é bem provável que uma considerável percentagem do público reunido em frente ao Palco 25 de Abril ali estivesse a experimentar pela primeira vez o prazer da fruição dessa grande música - e, com o decorrer do concerto, muitas e muitas mais foram engrossando a verdadeira multidão (calculada em cerca de 40 000 pessoas, representando transversalmente diversas classes e camadas sociais) que, com crescente entusiasmo, ia aplaudindo as várias peças tocadas.

É certo que poderá a posteriori comprovar-se o acerto do alinhamento musical e da escolha das obras executadas - das mais populares do repertório sinfónico e concertante - mas o que importa sublinhar é que dela estiveram ausentes quaisquer compromissos ou cedências em matéria de qualidade estética.

Também é verdade que foram reunidas condições técnicas excepcionais sem as quais seria impensável pôr de pé iniciativa de tal monta - captar em directo, nestas condições, perto de 90 músicos com 100 (e um!) microfones e misturar harmoniosamente os sons individuais num corpo sonoro, coeso e consistente, é obra - mas essa era também outra vertente da aposta conscientemente assumida.

O que sustenta ou mesmo suplanta em definitivo estas e outras considerações de natureza artística e técnica é a decisiva importância cultural e política do inesquecível acto colectivo a que se assistiu na noite de 6 de Setembro. Os milhares e milhares de olhares contentes e comovidos e de sorrisos largos e radiantes que trocávamos, só querem dizer uma coisa: mais uma vez demonstrámos, como um todo, como um Partido imaginativo, plural e aberto, a forma superior de estar na sociedade, na política, na arte, na cultura. O que traz consigo acrescidas e renovadas responsabilidades. Por exemplo esta: que é que vamos inventar para o ano?!...



Orquestra Metropolitana de Lisboa

sexta-feira. É que, de facto, mais uma vez, algo de muito especial tinha sido vivido por todos nessa noite. Algo que, a exemplo de outros acontecimentos marcantes de Festas anteriores, será sem dúvida recordado, mesmo daqui a mais vinte anos, como um momento histórico no já rico e histórico currículo da Festa do «Avante!».

Com o festivo estrear do fogo de artifício que inundava de luz os céus da Atalaia, acabara há momentos o Concerto Sinfónico com que este ano se decidira comemorar com solenidade o 20º aniversário da Festa do «Avante!». Ainda mal refeitos das emoções, tanto os músicos da Orquestra Metropolitana de Lisboa, como o maestro Miguel Graça Moura ou o pianista António Rosado ou os próprios técnicos envolvidos nesta riquíssima experiência musical, rara pelas suas dimensões, se perguntavam como tinha sido possível reunir tanta gente frente a um palco até aqui ainda não experimentado como lugar por excelência para a actuação de uma grande orquestra sinfónica.

O facto é que as curtas e já sentidas palavras que o maestro da



New Orleans Stompers com Louis Red Morgan



Kussondulola

actuaram mais uma vez na «Festa» os Ritual Tejo e os Quinta do Bill. Dos primeiros se sabia já da sua atenção aos problemas do quotidiano, em particular da juventude, e a temática foi mais uma vez bem explanada nos textos que apoiaram o poderoso rock que nos fizeram ouvir - uma força ganha «na estrada», e bem transmitida à frente pela voz de Paulo Costa, numa trajectória de êxitos continuamente em ascensão. Também os Quinta do Bill evoluíram claramente do ano passado para cá e levaram a assistência ao rubro. Estão agora mais versáteis em cima do palco e os sinais da música folk que estiveram na sua origem, são agora invadidos e subvertidos por outras áreas da música popular - num inegável fenómeno de popularidade, apoiado numa sábia estratégia de encenação (aproveitando a mobilidade e a voz de Moisés) e numa hábil escolha e utilização da iluminação e dos adereços cenográficos.

De participação intensa foi a atmosfera de autêntica consagração da música popular afro-americana, a encerrar a noite de sábado. O caso não era para menos: sucedendo aos sons de Chicago que nos visitaram no ano passado, estiveram desta vez na Atalaia os sons e os ritmos dos blues e dos R&B de Nova Orleães, cidade-berço da Grande Música Negra, com a especial e contagiante alegria, sempre a apelar à dança, da música dessas paragens. A frente de um grupo constituído por consagrados instrumentistas solistas - os «New Orleans Stompers», com Louis «Red» Morgan - a voz e o corpo de Eddie Bo, um dos nomes maiores de N.O., levaram o público da Festa a vibrar com o seu humor, invenção e capacidade de comunicação.

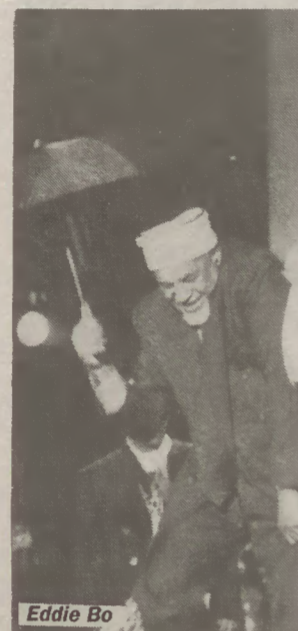
Começaria em beleza o domingo, com mais um grande espectáculo dos Delfins, já uma instituição do rock português dos anos 80/90. Conduzidos pela maestria de Miguel Ângelo, apoiado numa das bases rítmicas de melhor expressão entre nós, as canções do grupo funcionaram mais uma vez como verdadeiros hinos, cantados em coro pela numerosa assistência.

Depois do comício, foi a vez dos Kussondulola de novo nos entusiasmarem com um espectáculo especial em que a energia e a magia da música africana estiveram em primeiro plano, com o vocalista Jah Nelo em forma apuradíssima e a colaboração de inúmeros convidados entre os quais é impossível não referir o fabuloso «intermédio» que nos proporcionaram os espantosos bailarinos e percussionistas do grupo Kilandukilu (Angola).

Finalmente, em noite de consagração, a noite e a «Festa» acabaram em beleza com os já consagrados standards da música popular portuguesa (actuais e antigos) da lavra de Rui Veloso,



Cândido Mota apresentou os espectáculos



Eddie Bo

um dos pioneiros nacionais da renovação da música popular dos anos 80. Fazendo uma transição para o presente, o cantor privilegiou ainda o lado instrumental da sua criatividade artística, com o apoio dos excelentes músicos do seu grupo, e trouxe para perto de si outros convidados, também eles afinal estreias significativas no Palco 25 de Abril: as Vozes da Rádio, primeiro, confirma-

ram as expectativas, salpicando de humor um momento do espectáculo em que fizeram alarde da qualidade e afinção das suas vozes e dos arranjos vocais a cappella; pelo seu lado, Bernardo Sasseti demonstrou na prática por que é hoje um dos nossos mais conceituados pianistas de jazz, embora fosse a sua última paixão (a salsa) que ali tenha dado o tom.



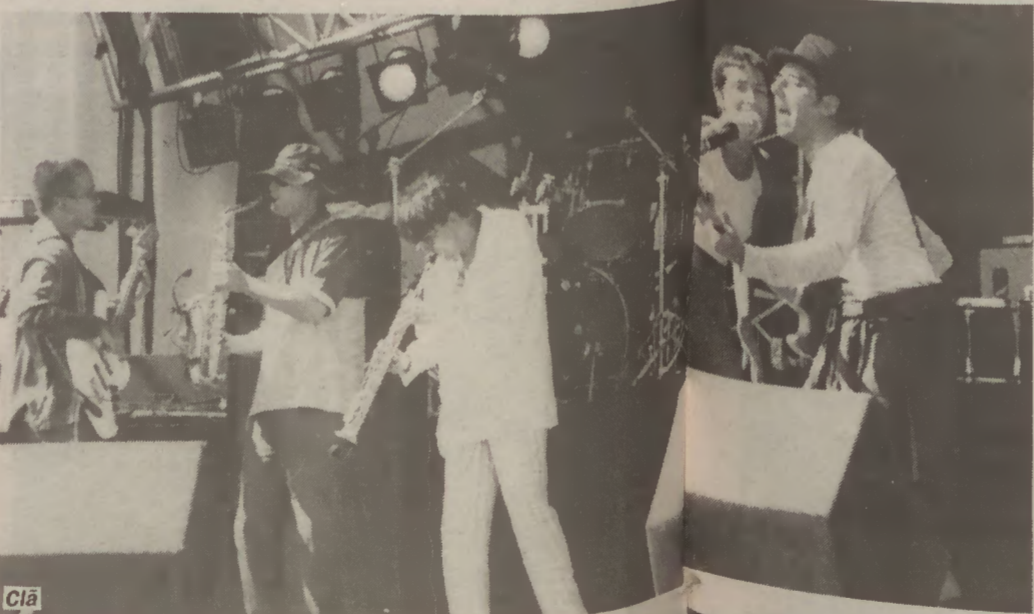
Gaiteiros de Lisboa



Primitive Reason



Quinta do Bill



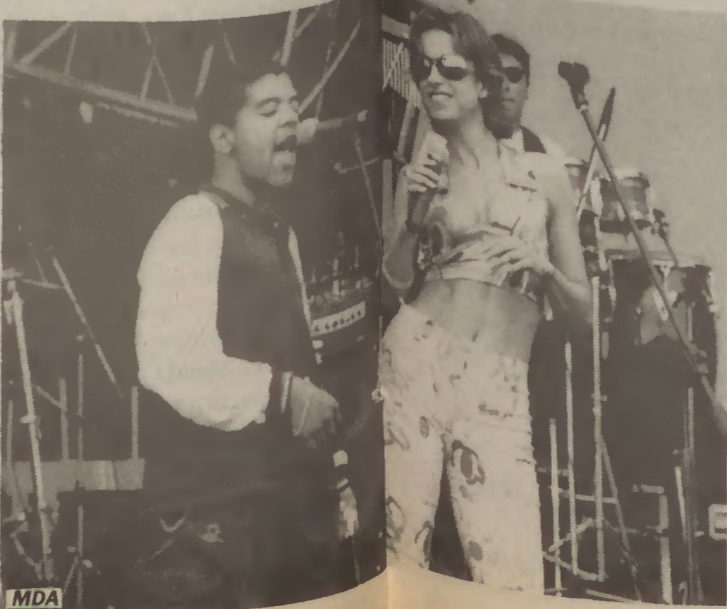
Clã



Ritual Tejo



Raúl Marquez & Os Amigos da Salsa



MDA



Open House



Zion Harmonizer

Auditório 1º de Maio

Dia um - A programação do Auditório 1º de Maio começou em grande estilo. Os Tim Tim por Tim Tum, grupo constituído por quatro conceituados percussionistas da nossa praça, conseguiram pôr o público a cantar as letras que as canções não tinham. Numa pose totalmente descontraída, mas, ao mesmo tempo, com grande método, o grupo de Alexandre Frazão e Zé Salgueiro fez uso de uma dose de teatralidade e polivalência, não se limitando às baterias e aos seus convencionais sons. Na mesma música, conseguiram passar do mais puro rock à «africanidade» dos batuques, revelando ainda a preferência pela música popular brasileira e a tradicional indiana.

Coube aos Telectu encerrar a noite de sexta-feira na companhia dos seus convidados de luxo: o saxofonista bri-

tânico Evan Parker e o baterista Paul Lytton. O duo de Vítor Rua e Jorge Lima Barreto demonstrou mais uma vez na Festa o experimentalismo da sua música de vanguarda, numa actuação um pouco prejudicada pelo alto volume das músicas do Centro do Livro e do Disco.

Dia dois - Passava das quatro horas da tarde quando Paulo Saraiva iniciou a sua actuação no Auditório. Fez-se silêncio quando o fado de Coimbra se ouviu e cantou-se em coro na altura das músicas populares portuguesas.

«Na solidão dos pastos, a pastora...», ou «Grande e profundo, o mar...» ou «Por que é que a vida começa sempre amanhã?» - cada espectador sentiu de maneira singular a actuação dos Danças Ocultas. Porque, se uma concerti-

na encanta muita gente, quatro concertinas encantam muito mais.

Mas este grupo não é apenas melancolia: é também alegria, como ficou provado pelas palmas que acompanhavam as melodias. O abraço, além das lágrimas, também tem lugar nas suas músicas. O tempo, esse, pára. Os relógios desaparecem e apenas há olhos para o palco.

Mas os amigos estão sempre conosco. E nada melhor que ouvir o Janita Salomé em grupo. A meio do concerto encontramos quem já não víamos há meses (terá sido desde a última Festa?), mas a conversa é deixada para depois. Agora há que cantar «Senhora do Almortão, ó minha linda raiana...».

Um cão ladra na alameda, mas poucos lhe ligam. Entre aqueles que sobem e os que descem, uma criança vai-lhe

Isabel Araújo Branco

fazer uma festa. Uma festa na Festa. Entretanto, os Zion Harmonizers já tocavam no auditório. Outra festa na Festa.

«Free On» - Mãos no ar, pés a dançar, boca a cantar. O eco das palmas expandia-se para as zonas em redor, chamando cada vez mais gente. O gospel de Nova Orleans hipnotizava quem entrava.

«Swinglow Sweet Sally» - em diálogo permanente com a audiência, os sete músicos norte-americanos também tiveram direito aos isqueirinhos acesos.

«Let it Shine» - o público deixou e os Zion Harmonizer brilharam em palco tanto nas suas canções a cappella como musicadas e... «Oh, Happy Day!».



Tim Tim por Tim Tum



Viviana e Sus Muchachas del Son



Carlos Martins



Pedro Jóia

Cool Hipnoise



Danças Ocultas



Telectu com Evan Parker e Paul Lytton

os espectáculos



Dez minutos antes do início do espectáculo dos **Open House** já não havia lugares sentados nas escadas e no chão. Mal começaram a tocar percebeu-se porquê. Liderados por um irlandês radicado nos EUA, Kevin Burke, o grupo encantou a plateia com a sua música gaélica. O sapateado de Sandy Silva, uma descendente de portugueses, empolgou todo o público, encerrando com grande qualidade o segundo dia deste festival.

Dia três - «Isto até parece uma aula de aeróbica!», confessou

Melo D, o vocalista dos **Cool Hipnoise**. Depois de uma noite melhor ou pior dormida, os ânimos aqueceram ao som da convergência do soul, rap, jazz, hip hop e pop que este grupo apresenta. Numa atitude de intervenção social, as suas canções foram ouvidas, dançadas e cantadas. Quem não conhece «Soldadinho» e «Meu Amigo»?

O catalão Marc Miralta foi o convidado do Quarteto do saxofonista **Carlos Martins**. O jazz na Festa com Bernardo Sasseti ao piano e Carlos Barreto no contrabaixo.



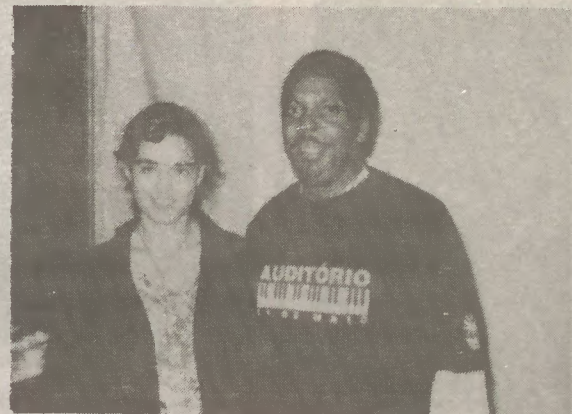
Marisa Santos e Fernando Porta



Janita Salomé



Paulo Saraiva



Henry Warrick

À conversa com o melhor do Gospel

Os **Zion Harmonizers** são um conceituado grupo de *gospel* norte-americano. A fama que alcançaram é tal que a sua presença é garantida em todas as edições do Festival de Heritage, estando presentes nos terceiros domingos de cada mês na «New Orleans House of Blues». No ano em que a revista «Offbeat» os classificou como «O Melhor dos Melhores Grupos de *Gospel*», os sete elementos dos **Zion Harmonizers** vieram pela primeira vez a Portugal.

À conversa com um dos seus elementos, **Henry Warrick**, o *Avante!* soube que foi com entusiasmo que o grupo aceitou vir actuar à Festa. Do nosso país pouco ou nada sabiam. Apenas que éramos «um país pobre». Mas não, afinal nem somos tão pobres como isso e não foi só isso que aprenderam na sua curta estadia. Falaram-lhes dos cravos, do salazarismo e do papel dos comunistas.

Quanto à Festa, Warrick estava impressionado com a quantidade de pessoas e, mais do que isso, com a animação e o entusiasmo nos espectáculos. «No resto da Europa, onde actuamos regularmente, o público limita-se a estar sentado e a bater palmas no fim das canções», disse.

A conversa não se ficou por aqui, e da beleza de Lisboa e do Tejo - a que, segundo nos disse, o grupo tirou inúmeras fotografias - passámos a temas mais sérios, como o racismo e a discriminação social. Henry Warrick contou que foi «tratado como um rei» em Portugal, tanto no hotel como pela organização. Lembramo-lhes que os preconceitos e as diferenças entre pessoas (diferenças raciais, económicas, culturais, políticas...) não estão tão acentuados nos portugueses como nos norte-americanos. «Talvez seja uma questão cultural», respondeu.

Talvez. Da música portuguesa não conhecia nada mas gostou do que ouviu. «Very good, very good.» Algumas até lhe ficaram na cabeça, disse.

À despedida tirámos umas fotografias e Henry Warrick não se escusou de dizer várias vezes: «Vemo-nos para o ano, outra vez!»

Palco Liberdade

O Palco Liberdade foi criado para responder a uma necessidade que já se sentia há alguns anos na Festa: era necessário um local onde se apresentassem os novos valores na música nacional. Procurando que cada região fosse representada neste espaço, foram previamente seleccionados 12 grupos.

Ouviu-se de tudo, desde o metal dos **Psycho Maniacs** ao rock dos **Irmãos de Sangue**, passando pela música intimista dos **Alquimia** e as canções de intervenção dos **Atrito**.

A pop dos **Sírios**, a música popular portuguesa dos **Cor da Lua** e o rock metálico dos **Steel Crash** foram aqueles que mais se distinguiram.

Os contactos com os agentes e as trocas de cartões não se fizeram esperar. Quanto às bandas, as opiniões não são unânimes, mas uma coisa ficou clara: para o ano a qualidade vai ter de aumentar.

No Palco Liberdade também actuaram outros agrupamentos. Entre eles, Jorge Lomba, na sexta-feira, iniciou o seu espectáculo com uma rapsódia de músicas de vários países, «agarrando» de

imediatamente o público. Os **Causa Perdida**, tocando originais e versões, animaram quem se aproximava da região de Setúbal. No último dia, foi a vez da música de baile. E toda a gente dançou...



Palco Arraial

Na Atalaia, as manifestações mais tradicionais da música portuguesa também têm um espaço. O Palco Arraial recebeu ranchos de todo o país, levando à dança muitos assistentes.

Destaque para os grupos corais alentejanos que cantaram com toda a alma o quotidiano das mulheres e dos homens da região.

FESTA



Corrida bate novo recorde

Com 1848 inscrições individuais, a 9ª Corrida da Festa do «Avante!» registou um novo recorde ao cortarem a meta 1084 atletas, a maior participação de sempre, que representa 58 por cento do total das inscrições.

Este facto levou a que as camisolas com o logotipo da Festa, distribuídas no final da prova, não chegassem para todos uma vez que o regulamento apenas previa entregar esta recordação aos primeiros mil atletas a completarem a prova, número que nos últimos anos não tem sido ultrapassado. Muitos participantes não esconderam também um certo desconsolo por este ano não lhes ter sido oferecido um bilhete para visitarem a Festa. Detalhes que certamente a organização irá ter em conta em futuras edições desta iniciativa que tem vindo a crescer granjeando inegável prestígio nos meios do atletismo português.

Depois de o tiro de partida, dado por António Vilela, os atletas cumpriram um percurso de 12 quilómetros sagrando-se

vencedor absoluto Artur Santiago, tendo Umbelina Nunes, do Ajax de Odivelas, vencido em femininos.

Como prémio, os vencedores receberam uma inscrição para a prova do L'Humanité, que se realiza em Paris no próximo domingo, dia 15. Contudo, Artur Santiago, por razões pessoais, decidiu oferecer o seu prémio a Cardoso Santos, individual, que cortou a meta em terceiro. Deste modo, a corrida da Festa do L'Humanité terá as presenças portuguesas de Umbelina Nunes e Cardoso Santos.

Refira-se que Albertina Dias estava inscrita para a Corrida da Festa, mas uma lesão num pé impediu-a de alinhar na partida.

Nos restantes escalões venceram Ricardo Reis (juniores), integrado na equipa da Costa Casa Desporto; José Conceição (Veteranos 3) da equipa «Os Tetras»; Armando Aldegalega (Veteranos 4) do Sporting Clube de Portugal.

Das 124 equipas inscritas, classificaram-se 85 com um

mínimo de cinco atletas, ficando as 15 primeiras assim ordenadas: GDR da Reboleira, D Operário do Rangel, Zamal, SRC do Povo Baixo Alentejo; Manuel Simão e Filhos, CR Cruz de Pau, GDO Independente, Mem Martins S. Clube, GDR Manique de Cima, CDR Águias Unidas, GATL Valejas, Os Tetras, Casa do Benfica do Seixal, Desportivo Monte Real e Ajax de Odivelas.

A equipa com maior número inscritos foi a do Clube Recreativo da Cruz de Pau, com 67 atletas, a qual teve igualmente o maior número de participantes a cortarem a meta - 46.

Como habitualmente, a organização da Corrida contou com o apoio e colaboração de muitas entidades, entre as quais se destacam as câmaras municipais do Seixal e de Almada, as juntas de freguesia de Amora, Pontinha e Ajuda, o Caparica CB nas transmissões via rádio, a Rádio Baía, o Amora Futebol Clube, a GNR de Paio Pires e a PSP da Cruz de Pau e do Seixal e o Grupo Desportivo do Cavadas.

Os 100 primeiros

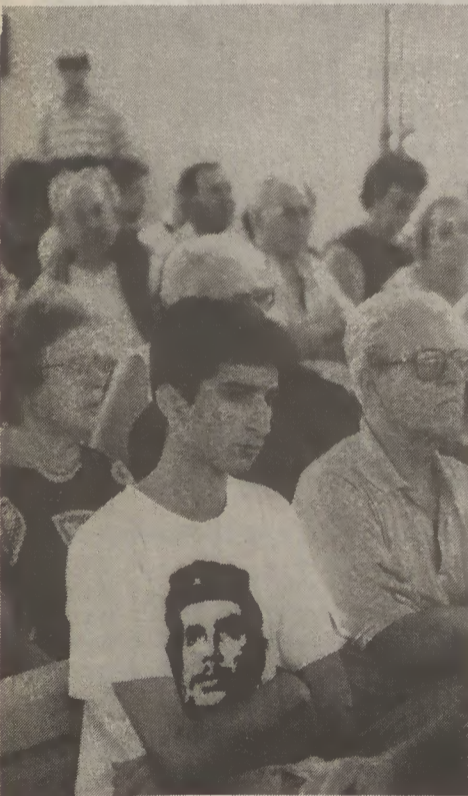
| NOME | ESC | EQUIPA | GERAL | ESC | TEMPO |
|--------------------|-----|------------------------|-------|-----|---------|
| Artur Santiago | SN | Individual | 1 | 1 | 0:41:38 |
| Carlos Alves | SN | Casa do Benfica Seixal | 2 | 2 | 0:41:47 |
| Cardoso Santos | SN | Individual | 3 | 3 | 0:42:02 |
| Carlos Oliveira | SN | Joma | 4 | 4 | 0:42:10 |
| João Gouveia | SN | Sete Irmãos Unidos | 5 | 5 | 0:42:23 |
| José Santos | SN | GDR Reboleira | 6 | 6 | 0:42:37 |
| Delfim Pimentel | SN | UDRC Bairro 25 Abril | 7 | 7 | 0:42:42 |
| Alvaro Costa | SN | Adidas Portugal | 8 | 8 | 0:43:23 |
| José Gouveia | SN | D Operário do Rangel | 9 | 9 | 0:43:31 |
| Ricardo Reis | JN | Costa Casa Desporto | 10 | 1 | 0:43:52 |
| Oscar Santos | SN | GDR Reboleira | 11 | 10 | 0:44:06 |
| Lucínio Cruz | SN | C A Baixa Banheira | 12 | 11 | 0:44:10 |
| Carlos Almeida | SN | Individual | 13 | 12 | 0:44:29 |
| António Lopes | SN | G ATL Valejas | 14 | 13 | 0:44:30 |
| Dinis Silva | SN | C R Cruz de Pau | 15 | 14 | 0:44:37 |
| Eduardo Reis | SN | C R Cruz de Pau | 16 | 15 | 0:44:38 |
| Joaquim Pereira | V1 | GDR Reboleira | 17 | 1 | 0:44:44 |
| Daniel Antunes | SN | Câmara Lisboa Clube | 18 | 16 | 0:44:51 |
| Luís Martins | SN | D Operário do Rangel | 19 | 17 | 0:44:57 |
| Paulo Sousa | SN | Individual | 20 | 18 | 0:45:13 |
| António Janeiro | SN | Individual | 21 | 19 | 0:45:19 |
| Francisco Aragones | SN | C C D Autarquia Almada | 22 | 20 | 0:45:21 |
| Albertino Quimase | SN | D Operário do Rangel | 23 | 21 | 0:45:23 |
| Mario João Marques | SN | Amigos Vale Silêncio | 24 | 22 | 0:45:25 |
| Filipe Silva | V1 | S R Os Aliados Brandoa | 25 | 2 | 0:45:28 |
| José Monteiro | V2 | GDR Manique de Cima | 26 | 1 | 0:45:30 |
| Pedro Pereira | SN | Manuel Simão & Filhos | 27 | 23 | 0:45:31 |
| Robert Tuck | SN | Individual | 28 | 24 | 0:45:34 |
| João Janeiro | SN | Individual | 29 | 25 | 0:45:39 |
| Cândido Pinheiro | SN | G A Os Tartarugas | 30 | 26 | 0:45:40 |
| Numo Raposeiro | SN | Individual | 31 | 27 | 0:45:43 |
| João Monteiro | SN | C A Vale Figueira | 32 | 28 | 0:45:44 |
| Paulo Ramos | SN | Câmara Lisboa Clube | 33 | 29 | 0:45:45 |
| Rui Lopes | SN | GDR Reboleira | 34 | 30 | 0:45:46 |
| Fernando Mendes | V2 | Lebres do Sado | 35 | 2 | 0:45:47 |
| Nélson Cruz | JN | GDR Águias Unidas | 36 | 2 | 0:45:49 |
| Carlos Freitas | SN | D Operário do Rangel | 37 | 31 | 0:45:52 |
| Alberto Pestana | SN | Individual | 38 | 32 | 0:45:52 |
| Mário Finela | SN | AMAL | 39 | 33 | 0:45:53 |
| Amândio Frias | SN | AMAL | 40 | 34 | 0:45:54 |
| Luís Coelho | SN | Individual | 41 | 35 | 0:45:54 |
| Rui Palma | SN | Joma | 42 | 36 | 0:45:56 |
| Gabriel Gonçalves | V1 | Amigos Vale Silêncio | 43 | 3 | 0:45:57 |
| Vasco Timóteo | SN | Papa Léguas Assafora | 44 | 37 | 0:46:58 |
| Manuel António | SN | Os Fixes | 45 | 38 | 0:46:09 |
| José Afonso | SN | Manuel Simão & Filhos | 46 | 39 | 0:46:10 |
| Rui Chaves | SN | Belenenses | 47 | 40 | 0:46:15 |
| Aparício Cidra | V1 | SCR Do Povo B Alentejo | 48 | 4 | 0:46:35 |
| Luís Allen | SN | GDR Reboleira | 49 | 41 | 0:46:40 |
| João Brito | SN | Manuel Simão & Filhos | 50 | 42 | 0:46:44 |
| Augusto Esteves | SN | CS Bom Sucesso Alverca | 51 | 43 | 0:46:45 |
| Joaquim Santos | V2 | Ajax de Odivelas | 52 | 3 | 0:46:46 |
| José Carlos | SN | AMAL | 53 | 44 | 0:46:54 |
| José Gil | SN | GDR Reboleira | 54 | 45 | 0:47:03 |
| Hilário Sousa | SN | Individual | 55 | 46 | 0:47:04 |
| Joaquim Delgado | SN | Casa do Benfica Seixal | 56 | 47 | 0:47:06 |
| David Fernandes | SN | Independ FC Torrense | 57 | 48 | 0:47:07 |
| Manuel Figueiredo | SN | GDR Reboleira | 58 | 49 | 0:47:09 |
| Augusto Pires | SN | Casa do Benfica Seixal | 59 | 50 | 0:47:14 |
| Artur Domingos | SN | Individual | 60 | 51 | 0:47:15 |
| Vergílio Gonçalves | SN | C A Baixa Banheira | 61 | 52 | 0:47:17 |
| Armando Santos | V1 | ATL de Abóboda Gimda | 62 | 5 | 0:47:18 |
| Mário António | SN | G D O Independente | 63 | 53 | 0:47:21 |
| Bento Ribeiro | SN | Individual | 64 | 54 | 0:47:24 |
| Carlos Nunes | SN | Mem Martins S Clube | 65 | 55 | 0:47:25 |
| José Conceição | V3 | Os Tetras | 66 | 1 | 0:47:27 |
| Armando Aldegalega | V4 | Sporting C Portugal | 67 | 1 | 0:47:28 |
| Carlos Cruz | SN | C Montanha T Novas | 68 | 56 | 0:47:31 |
| José Neves | SN | SRC do Povo B Alentej | 69 | 57 | 0:47:33 |
| Mário Gonçalves | V2 | Mem Martins S Clube | 70 | 4 | 0:47:34 |
| José Morais | V2 | GDR Manique de Cima | 71 | 5 | 0:47:34 |
| Joaquim Lapa | SN | Papa Léguas Assafora | 72 | 58 | 0:47:35 |
| Eurico Chameca | SN | C C D P C M Loures | 73 | 59 | 0:47:38 |
| João Próspero | V1 | Capital Vidro - M. GRD | 74 | 6 | 0:47:44 |
| Nélson Pereira | SN | SRC do Povo B Alentej | 75 | 60 | 0:47:47 |
| António M Lourenço | V2 | Joma | 76 | 6 | 0:47:52 |
| Francisco Fialho | SN | SRC do Povo B Alentej | 77 | 61 | 0:47:54 |
| Manuel Amaro | V1 | SFO Amorense | 78 | 7 | 0:47:56 |
| Armando Fitas | SN | AMAL | 79 | 62 | 0:47:57 |
| José Matos | V2 | G D O Independente | 80 | 7 | 0:48:01 |
| Carlos Nunes | SN | AMAL | 81 | 63 | 0:48:05 |
| Jacinto Barroso | V2 | G ATL Valejas | 82 | 8 | 0:48:07 |
| Pedro Salvador | SN | G D O Independente | 83 | 64 | 0:48:10 |
| Américo Penedo | SN | SRC do Povo B Alentej | 84 | 65 | 0:48:13 |
| Jorge Rodrigues | SN | Sport União Caparica | 85 | 66 | 0:48:17 |
| Francisco Gravito | V1 | GDR Reboleira | 86 | 8 | 0:48:17 |
| José Simões | V2 | G D E B Totta e Açores | 87 | 9 | 0:48:21 |
| Herculano Pereira | V1 | SRC do Povo B Alentej | 88 | 9 | 0:48:22 |
| Alexandre Canal | SN | S SOC TRAB AUT Seixal | 89 | 67 | 0:48:26 |
| Henrique Gil | SN | SRC do Povo B Alentej | 90 | 68 | 0:48:28 |
| António Carrasco | SN | Os Fixes | 91 | 69 | 0:48:33 |
| António Fernando | V1 | SRC do Povo B Alentej | 92 | 10 | 0:48:36 |
| Miguel Ângelo | SN | N R D Ídolos da Praça | 93 | 70 | 0:48:44 |
| Carlos Silva | V3 | AMAL | 94 | 2 | 0:48:47 |
| Manuel Carrudo | V2 | Solido | 95 | 10 | 0:48:48 |
| Carlos Piorek | JN | A Bomb V Montemor Novo | 96 | 3 | 0:48:51 |
| José Teixeira | SN | Estrela Futebol Clube | 97 | 71 | 0:48:51 |
| António Morais | V1 | GDR Reboleira | 98 | 11 | 0:48:54 |
| José Martins | V4 | C C D Central Cervejas | 99 | 2 | 0:48:55 |
| Carlos Ralheta | SN | C D R Águias Unidas | 100 | 72 | 0:48:56 |



Fotos da Festa



FESTA



Uma festa com

Desde a primeira Festa, e ao longo de 20 edições, o desporto esteve sempre ligado à Festa do «Avante!». Aqui não só têm sido debatidos os problemas do desporto em Portugal como todos os anos grande parte da sua programação é dedicada à prática das mais diferentes modalidades, quer nos dias da Festa quer nos meses que a precedem.

Assim aconteceu este ano. Logo em 13 de Julho, 65 canoístas participaram numa prova de canoagem entre a Doca de Alcântara e a Amora. No mesmo dia, realizava-se no distrito de Castelo Branco um concurso de pesca que juntou cerca de uma centena de participantes. Em Lisboa, a 11 de Agosto, 200 pescadores estiveram entre o pilar da Ponte e a Torre de Belém, em mais um concurso promovido pela Festa do «Avante!».

No xadrez, decorreram simultâneas e rápidas nos concelhos do Seixal, Almada, Setúbal, Sesimbra, Palmela, Montijo, Barreiro, Grândola, Alcochete, Santiago do Cacém e Sines.

Mais uma vez, decorreu a nível nacional o Torneio de Futebol de Salão com finais distritais em Lisboa, Porto, Setúbal, Guarda, Braga e Beja. As meias-finais e finais realizaram-se no polidesportivo da Atalaia.

Uma prova de cicloturismo, que juntou cerca de meio milhão de praticantes e acompanhantes,

encerraria, no passado dia 1 de Setembro, o programa desportivo de divulgação da Festa.

Nos dias da Festa, como as imagens que aqui publicamos documentam, foram várias as modalidades presentes, quer em competição quer em exibição.

No programa destacou-se no sábado um grande sarau de ginástica em que participaram o Clube Recreativo Piedense, o Ginásio Clube do Montijo e a Sociedade Filarmónica União Piedense. No final, o professor José Sabbo dirigiu uma aula de aeróbica que foi aberta aos visitantes.

Ainda no polidesportivo, no domingo, para além da final de Futebol de Salão, decorreram encontros de basquetebol 3x3 e jogos tradicionais.

Ali ao lado, em espaço próprio, tiveram lugar os torneios de damas e de xadrez e o torneio de tiro com chumbo. Englobando as especialidades de xadrez, escalada e tiro, o Triatlo «Avante!» atraiu vários praticantes da modalidade.

Mais uma vez, o desporto esteve em Festa! (À hora do fecho desta edição não tínhamos ainda disponíveis as classificações dos vários torneios e competições efectuados no recinto da Festa. Pelo facto, pedimos desculpa aos nossos leitores, prometendo tudo fazer para as incluir na nossa próxima edição.)

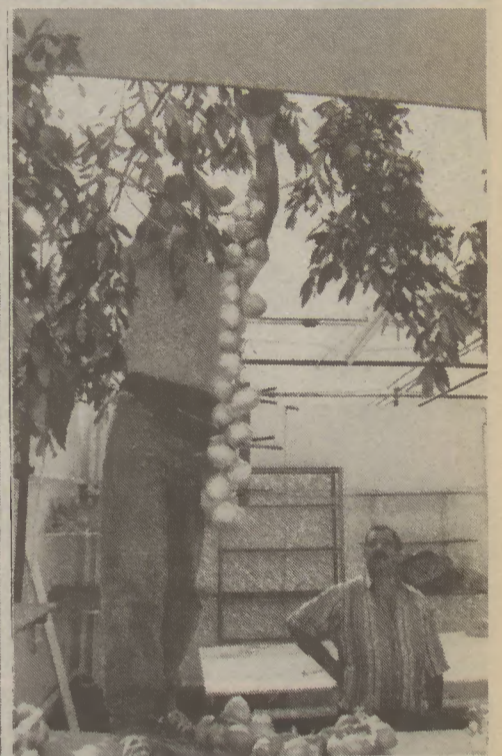
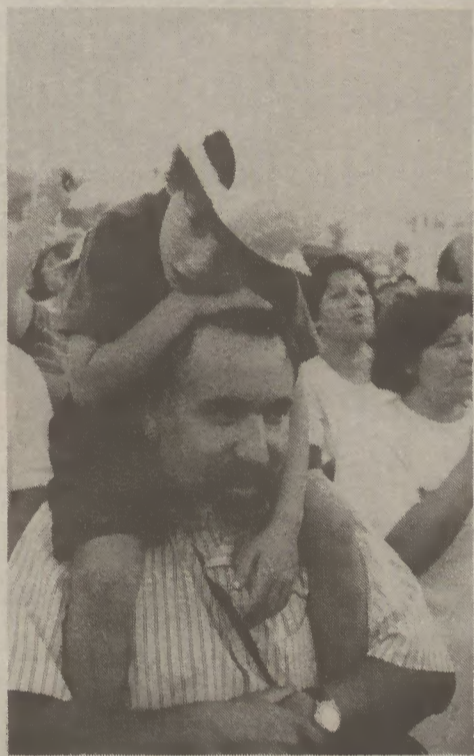




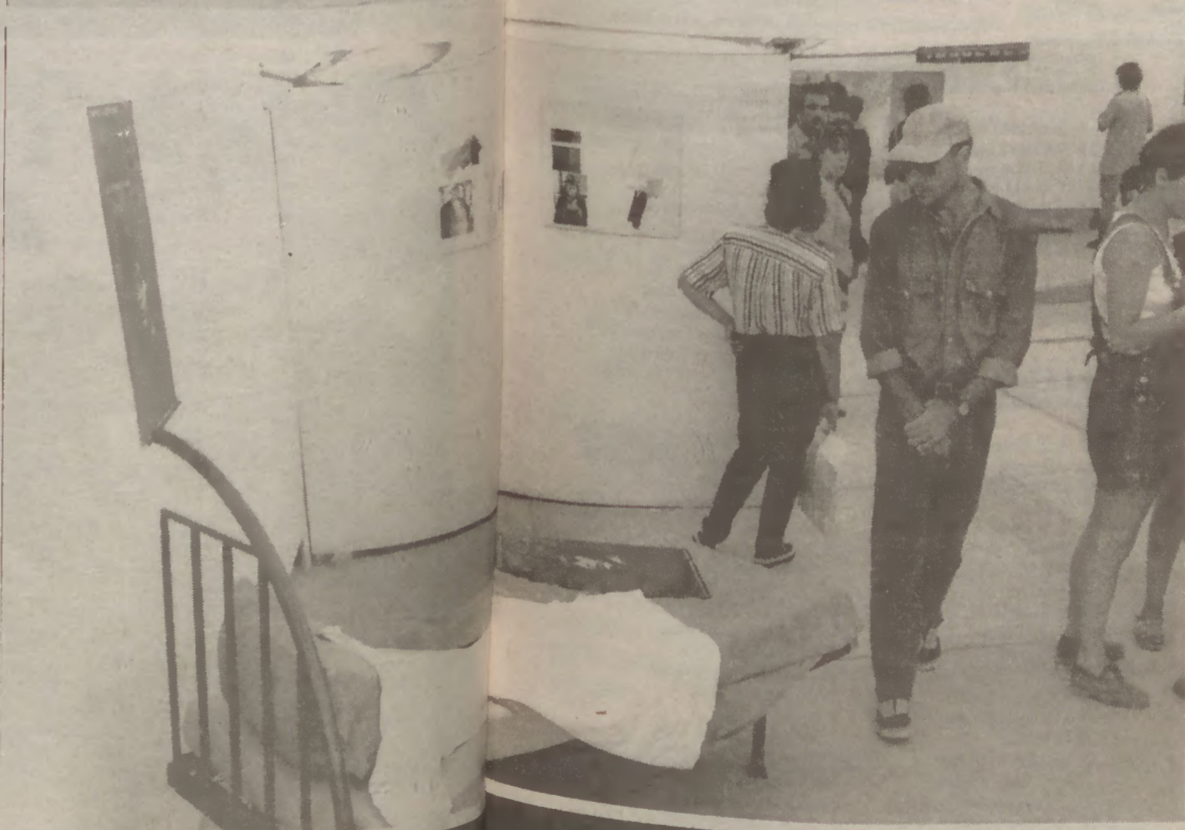
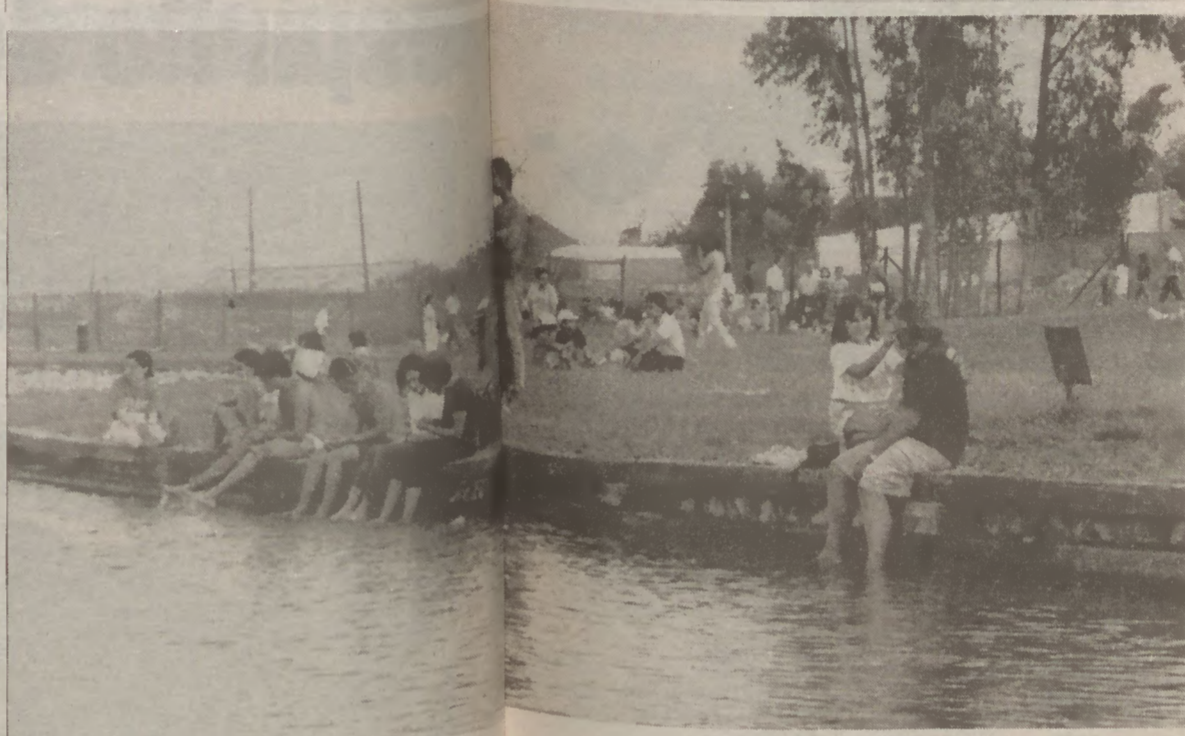
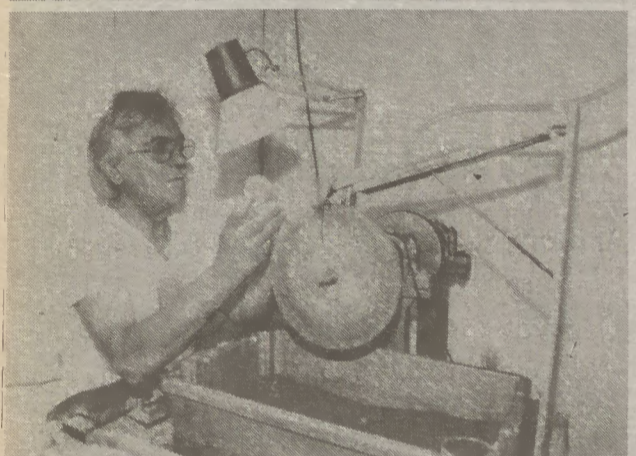
Fotos da Festa



espírito desportivo



Fotos da Festa



TELEVISÃO

Quinta, 12

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Ellen II
10.05 Palavras Cruzadas
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.05 Trapalhadas da Rádio
11.45 Culinária
12.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
15.15 Infantil / Juvenil
16.20 Herman Total
17.20 Azul
18.15 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telegiornal
20.50 Reformado e Mal Pago
21.20 Futebol: Benfica-Chorzow (Taça UEFA)
23.25 Primeiro Amor
24.00 Choof
00.30 24 Horas
01.00 RTP/Financial Times
01.15 Volta a Espanha em Bicicleta
01.30 A Ilustre Casa de Black Adder

RTP 2

17.00 Notícias
17.10 Infantil/Juvenil
19.00 A Par e Passo
19.35 Documentário: «Sam Giancana»
20.30 Missão Impossível
21.15 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Nada é Sagrado (de William Wellman, EUA-1937, com Carol Lombard, Frederic March, Walter Connolly. Ver Destaque)

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem é Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Trapalhões



«O Leopardo» introduzido por Jorge Sampaio, que o escolheu como «filme da sua vida» para a rubrica de Inês de Medeiros: ainda sábado à noite na RTP2

00.35 Último Jornal
00.50 Contos Eróticos
01.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 A Balada de Hill Street
21.30 Martin
22.00 Um Amor Inevitável (de Rob Reiner, EUA-1989, com Billy Crystal, Meg Ryan, Carrie Fisher, Bruno Kirby. Ver Destaque)
23.45 TVI Jornal
00.30 Fora de Jogo
00.45 Picket Fences

Sexta, 13

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Ellen II
10.05 Palavras Cruzadas
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.05 Trapalhadas da Rádio
11.45 Culinária
12.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
14.45 Infantil / Juvenil
15.45 Quem é o Quê?
16.45 Azul
18.00 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telegiornal
20.55 86-60-86
21.35 Primeiro Amor
22.30 Fúria da Razão (de Don Siegel, EUA-1971, com Clint Eastwood, Harry Guardino, John Vernon. Ver Destaque)
00.05 24 Horas
00.35 RTP/Financial Times
00.50 Volta a Espanha em Bicicleta
01.05 A Ilustre Casa de Black Adder
01.45 Morgue ao Domicílio (de Bob Nalaban, EUA-1989, com Randy Quaid, Mary Beth Hurt, Sandy Dennis. Comédia / Terror)

RTP 2

17.00 Notícias
17.10 Infantil / Juvenil
19.05 Máquinas
19.35 Grandes Viagens de Comboio
20.35 Missão Impossível
21.45 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 A Luta dos Ardinas (de Kenny Ortega, EUA-1992, com Christian Bale, Bill Pullman, Ann-Margret, Robert Duvall. Musical)

SIC

09.00 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem é Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Malucos do Riso

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.30 Informação
17.45 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 O Poder da Lei
21.30 Doido por Ti
22.00 O Vizinho (de Rodney Gibbons, EUA-1993, com Linda Kozlowsky, Ron Lea, Rod Steiger, John Vernon. Ver Destaque)
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Booker

Sábado, 14

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
12.30 Jogos de Praia
13.00 Jornal da Tarde
13.20 Top +
14.35 Jornal Jovem
15.30 Beverly Hills 90210
16.30 Jovens Cowboys
17.30 Danças e Moda
19.25 Clube dos Totalistas
20.00 Telegiornal
20.50 Futebol: Rio Ave-Sporting (Campeonato Nacional)
22.50 Primeiro Amor
23.45 Parabéns Júnior
01.15 24 Horas
01.50 Volta a Espanha em Bicicleta
02.05 A Ilustre Casa de Black Adder
02.45 Uma Mulher para Dois Amantes (de Rex Bromfield, Can.-1993, com Catherine Mary Stewart, Jonathan Crombie, Michael Ironside. Melodrama)

RTP 2

12.00 Documentário: «A Caça do Dragão»
12.50 Vida por Vida
13.00 Euronews
13.55 Nas Nossas Mãos
14.25 Um Homem em Casa
15.00 Desporto 2
18.00 Musical: «Tabanka Jazz»
19.00 Notícias 2
20.00 Valha-me Deus (de Jean-Luc Godard, Suíça/Fr.-1993, com Gérard Philipe, Laurence Masliash, Bernard Verley. Ver Destaque)
21.40 Semana ao Sábado
22.35 A Canção da Terra (de Jorge Bruno do Canto, Port.-1938, com Elsa Rumina, Barreto Poira, Oscar Lemos. Ver Destaque)
00.30 Teatro: «Tchim-Tchim»

SIC

08.30 Buéréré
12.00 O Mundo dos Animais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Passo a Passo
14.10 Portugal Radical
16.10 Justiça Negra
17.10 Médicos Sem Fronteiras
18.10 Onde é que Pára a Polícia - Parte 2/2 (de David Zucker, EUA-1991, com Leslie Nielsen, Priscilla Presley, George Kennedy. Comédia)

TVI

09.40 Animação
12.00 Novos Ventos
13.00 Contra-Ataque
14.15 Troféu Carina
14.30 A Odisseia Submarina
15.30 Ténis
16.00 Ingénua... Até Certo Ponto (de Otto Preminger, EUA-1953, com William Holden, David Niven, Maggie McNamara, Dawn Adams. Comédia)
18.10 California Dreams
18.40 Os Novos Intocáveis
19.30 Telegiornal
20.30 Babylon 5
21.20 Telefilme
23.10 Últimas Notícias
23.30 O Cardenal (de Otto Preminger, EUA-1963, com Tom Tyron, Carol Linley, Romy Schneider, John Huston. Drama)

Domingo, 15

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
10.30 Jogos Sem Fronteiras
12.00 Sem Limites
12.25 Jornal da Tarde
12.45 Motociclismo
14.00 Made in Portugal
15.15 Alta Voltagem
15.45 Robin dos Bosques, o Justiciero (de Ken Annakin, Gr.Br.-1952, com Richard Todd, Joan Rice, James Hayter, Peter Finch. Ver Destaque)
17.20 100% Natural
18.15 Portugal ao Desafio
19.15 Casa Cheia
20.00 Telegiornal
21.00 Enviado Especial
21.55 Jet 7
22.30 Primeiro Amor
23.15 Domingo Desportivo
00.45 24 Horas
01.05 Volta a Espanha em Bicicleta
01.20 A Ilustre Casa de Black Adder
02.00 Irmãos em Guerra (de Lucas Lo, EUA-1989, com Loren Avedon, Keith Vitali, Joseph Campanella. «Thriller»)

RTP 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.25 Droga, Máscara e Realidade
12.00 Euronews
12.40 O Dinheiro não Dorme
13.20 Para Além do Ano 2000
14.15 Desporto 2
19.05 Bom Bordo
19.35 O Homem das Sete Vidas (de Norman Z. McLeod, EUA-1947, com Danny Kaye, Virginia Mayo, Boris Karloff. Ver Destaque)
21.25 Artes e Letras - «Júlio Resende»
22.20 O Filme da Minha Vida: «O Leopardo» (de Luchino Visconti, It. Ver Destaque)

SIC

08.30 Buéréré
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Assuntos de Família
14.40 Malhação
15.50 Guerra dos Mundos
16.50 Walker, o Ranger do Texas
18.00 Agora é que São Elas (de Fernando Garcia, Port.-1954, com Milú, Alzira Camargo, Elvira Velez. Comédia)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Vira Lata
22.00 Força Delta 3 (de Sam Firstenberg, EUA-1991, com Nick Cassavetes, Mathew Penn, Mike Norris. Acção)
00.25 Último Jornal
00.45 Papillon (de Franklin Schaffner, EUA-1973, EUA-1947, com Steve McQueen, Dustin Hoffman, Victor Jory, Don Gordon, Anthony Zerbe. Ver Destaque)

TVI

09.40 Clube da Manhã
12.00 Missa
13.30 O 8º Dia
14.00 Automobilismo
16.00 A Última Fronteira (de William Wyler, EUA-1940, com Gary Cooper, Walter Brennan, Doris Davenport, Dana Andrews. Ver Destaque)
18.00 Desafios
18.35 Adultos à Força
19.30 Telegiornal
20.15 Confissões de Adolescente
20.50 Melrose Place
21.40 Toda uma Vida (de Claude Lelouch, Fr.-1975, com Marthe Keller; André Dussolier, Charles Denner. Drama)
00.25 Últimas Notícias

«Tchim-tchim» - uma comédia dramática de François Billeldoux encenada por Herlander Peyroteo, com Irene Cruz e Virgílio Castelo - sábado à noite na RTP2



Segunda, 16

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Ellen II
10.05 Palavras Cruzadas
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.05 Trapalhadas da Rádio
11.45 Culinária
12.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
15.15 Infantil / Juvenil
16.10 Marco Paulo
17.25 A Lei das Ruas
18.15 Malha de Intrigas
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telegiornal
20.55 Queridas e Maduras
21.30 Primeiro Amor
23.00 Histórias da Noite
23.30 Segunda Parte
00.30 24 Horas
01.15 Tourada

RTP 2

17.10 Infantil / Juvenil
19.00 Olho Clínico
19.30 Foyer - As Mulheres de Hollywood (III)
20.40 Missão Impossível
21.45 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Disparem sobre o Pianista (de François Truffaut, Fr.-1960, com Charles Aznavour, Marie Dubois, Nicole Berger. Ver Destaque)
00.30 Planeta Música - Grandes Árias

SIC

08.30 Os Conquistadores
09.00 Buéréré
10.00 Olimpíadas Radicais
10.30 Os Donos da Bola
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Os Imortais
15.30 Buéréré
18.00 De Corpo e Alma
19.00 Quem é Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 Sai da Minha Vida
21.15 O Rei do Gado
22.15 Olha Quem Fala Também (de Amy Heckerling, EUA-1990, com John Travolta, Kristie Alley, Lympia Dukakis. Comédia)
00.05 Último Jornal
00.20 Contos de Arrippear
01.20 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Pessoas Desaparecidas
21.30 Lar, Louco Lar
22.00 Conquista da Justiça (de Claudia Weill, EUA-1992, com Beverly D'Angelo, Dana Ivey, Michael McGrady, Max Gail. Drama)
24.00 TVI Jornal
00.40 Fora de Jogo
01.00 Luta pela Verdade

Terça, 17

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Ellen II
10.05 Palavras Cruzadas
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.05 Trapalhadas da Rádio
11.45 Culinária
12.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
15.00 Infantil / Juvenil
16.00 Todos ao Palco
17.05 A Lei das Ruas



Ver a obra de Júlio Resende, na companhia do próprio pintor: no «Artes e Letras» desta semana (domingo à noite na RTP2)

18.05 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telegiornal
20.50 De Par em Par
21.20 Primeiro Amor
22.25 Jogos Sem Fronteiras
00.45 O Triciclo
00.15 24 Horas
02.00 Volta a Espanha em Bicicleta
02.15 A Ilustre Casa de Black Adder

RTP 2

17.10 Infantil / Juvenil
19.10 Rumo à Lua
19.40 Civilizações Perdidas
21.35 Missão Impossível
22.00 Jornal 2
22.45 Jules e Jim (de François Truffaut, Fr.-1961, com Jeanne Moreau, Oskar Werner, Henri Serre, Marie Dubois. Ver Destaque)

SIC

08.30 Os Conquistadores
09.00 Buéréré
10.00 Olimpíadas Radicais
10.30 Táxi
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Os Imortais
15.30 Buéréré
18.00 De Corpo e Alma
19.00 Quem é Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 Jasmin
21.20 O Rei do Gado
22.30 Cantigas da Rua
23.30 Testemunha Silenciosa
00.35 Último Jornal
00.50 Escrita em Dia
01.50 Duas Vidas, Um Destino (de Chris Menges, EUA-1994, com John Hurt, Chris Cleary Miles, William Hurt. Ver Destaque)
03.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Os Julgamentos de Rosie O'Neill
21.30 Frasier
22.00 Polícia em Acção (de Mark L. Maness, EUA-1991, com Stephen P. Sides, Len Schlientz, Tiffany Dossey. «Thriller»)
23.55 TVI Jornal
00.35 Fora de Jogo
00.55 Os Mistérios de Bill Cosby

Quarta, 18

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Ellen II
10.05 Palavras Cruzadas
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.05 Trapalhadas da Rádio
11.45 Culinária
12.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
15.15 Infantil / Juvenil
16.30 Ligações Perigosas
17.45 A Lei das Ruas

18.25 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
19.45 Vamos Jogar no Totobola
20.00 Telegiornal
20.50 As Lições do Toneca
21.20 Futebol: Benfica-Porto
23.30 Primeiro Amor
00.15 O Triciclo
00.45 24 Horas
01.05 RTP / Financial Times
01.20 Volta a Espanha em Bicicleta
01.35 A Ilustre Casa de Black Adder

RTP 2

17.10 Infantil / Juvenil
19.05 Rotações
19.45 Missão Impossível
20.40 Sinais do Tempo
21.45 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 A Noite Americana (de François Truffaut, Fr.-1973, com Jacqueline Bisset, Jean-Pierre Aumont, Valentina Cortese, François Truffaut. Ver Destaque)

SIC

08.30 Os Conquistadores
09.00 Buéréré
10.00 Olimpíadas Radicais
10.30 Escrita em Dia
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Os Donos do Jogo
15.30 Buéréré
18.00 Os Donos do Jogo
14.30 Os Imortais
15.30 Buéréré
18.00 De Corpo e Alma
19.00 Quem é Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Pensão Estrela
21.20 O Rei do Gado
22.30 Comédia da Vida Privada
23.30 A Noite da Má Língua
00.35 Último Jornal
00.50 Toda a Verdade
01.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Em Nome da Justiça
21.30 Competente e Descarada
22.00 A Fórmula (de John G. Advilson, Gr.Br.-1980, com George C. Scott, Marthe Keller, Marlon Brando, John Gielgud. «Thriller»)
00.20 TVI Jornal
01.00 Fora de Jogo
01.20 Quase Modelo, Quase Detectivo

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Um Amor Inevitável

(Quinta, 22.00, TVI)

Realizado por um dos mais interessantes cineastas da nova geração de Hollywood - Rob Reiner - este é, sobretudo, um filme que vive da prodigiosa escrita dos diálogos e da credibilidade e verosimilhança das situações e dos seus intérpretes, dois ingredientes que, naturalmente, contribuíram para o enorme êxito que alcançou aquando da sua estreia. Uma brilhante comédia romântica que nos dá conta do jogo imparável da atracção e do distanciamento entre macho e fêmea, ambos tentando escapar à mais calorosa das paixões para se ficarem pelos bem mais «razoáveis» terrenos da sólida amizade.

Nada é Sagrado

(Quinta, 22.45, RTP2)

Após ter sido diagnosticada numa jovem rapariga uma doença rara e mortal, as campanhas na imprensa suscitam uma vaga de compaixão amplamente aproveitada pela ambição do êxito comercial, até ao ponto de a jovem ser considerada heroína nacional. Mas o diagnóstico estava errado... E o filme de William Welman, excelente realizador habitualmente empenhado na denúncia das maleitas da sociedade americana, resulta numa feroz sátira ao mundo da imprensa sensacionalista.

A Fúria da Razão

(Sexta, 22.25, RTP1)

Primeiro filme de uma série de que o implacável detective Harry Callahan seria o principal protagonista, *A Fúria da Razão* alcançou um enorme êxito popular mas despertou as mais duras e controversas reacções por parte da crítica. E o facto é que a imagem deste «justiceiro» que, substituindo-se à Lei e às convenções da Justiça, persegue os criminosos utilizando os mesmos soezes métodos dos que persegue (hoje em dia «modelo» rotineiro para as piores séries televisivas), atinge inegáveis contornos fascizantes. Uma imagem de que só anos mais tarde, em alguns dos melhores filmes por si realizados, Clint Eastwood conseguiria libertar-se.

Valha-me Deus

(Sábado, 20.00, RTP2)

Como habitual em Godard, a narrativa deste que é um dos seus filmes mais recentes é constantemente entrecortada com os habituais sinais de erudição do realizador - referências literárias, políticas e cinematográficas - que se destinam a subverter a «linearidade» (se é que de linearidade se pode falar) da narrativa dos seus filmes. O facto é que estamos mais uma vez perante uma provocação intelectual de um dos realizadores mais originais do cinema contemporâneo europeu e mundial que, desta vez, se debruça sobre um casal de gente «normal» e as peripécias que acontecem quando um ser (quiza um «deus») se apropria do corpo do marido... quando este está ausente. Os problemas da fé, aqui observados à lupa implacável de Godard. Com Gérard Dépardieu e Laurence Masliah.

A Canção da Terra

(Sábado, 22.35, RTP2)

Um dos melhores filmes de Jorge Brun do Canto, um clássico do cinema português.

Robin dos Bosques, O Justiceiro

(Domingo, 15.45, RTP1)

Mais uma versão entre tantas outras das aventuras de Robin dos Bosques e dos seus companheiros em luta contra o Príncipe João. Bem inferior a outros exemplares que, no cinema, se ocuparam deste tema - por exemplo, o filme de Michael Curtiz -, apesar de tudo é um filme que poderá entretar a gente nova, habitualmente tão esquecida pelas nossas televisões.

A Última Fronteira

(Domingo, 16.00, TVI)

Uma das figuras centrais deste filme é o famoso juiz Roy Bean (Walter Brennan) ao qual Cole Harlin (Gary Cooper) faz uma promessa em

troca da não condenação por causa de uma falsa acusação de roubo de cavalos. História de disputa de terras ao jeito do velho Oeste, este magnífico western foi admiravelmente fotografado por Gregg Toland e realizado com mão de mestre por William Wyler.

O Homem das Sete Vidas

(Domingo, 19.35, RTP2)

Outra hipótese, três horas mais tarde, para a malta nova: trata-se das aventuras



Burt Lancaster e Alain Delon, dois dos intérpretes de «O Leopardo», uma obra-prima de Luchino Visconti



Marie Dubois e Charles Aznavour, na trágica cena final de «Disparem Sobre o Pianista», de François Truffaut

criadas pelo desejo de fantasia e evasão que experimenta Walter Mitty, um revisor de provas de uma editora de livros populares, que acaba por se meter em sarilhos por causa de umas jóias. Um dos melhores papéis desempenhados por Danny Kaye no cinema, com um Boris Karloff quase a roubar-lhe os louros...

O Leopardo

(Domingo, 22.25, RTP2)

Aqui, é de obra-prima que se trata! *O Leopardo*, adaptado da obra homónima de Lampedusa, é o filme mais celebrado do grande realizador italiano Luchino Visconti e foi justamente premiado com a Palma de Ouro em Cannes, em 1963. A exemplar análise política de um período da História italiana, a minúcia e a autenticidade dos cenários e do guarda-roupa e a espantosa cena de antologia que é o baile final são os pontos altos de um filme que nos restitui a Itália de meados do séc. XIX, tendo como principal personagem D. Fabrizio, príncipe de Salina, e o drama da sua inadaptação à viragem para uma nova época. Burt Lancaster é o grande criador dessa personagem, num dos seus melhores papéis no cinema, mas Alain Delon e Claudia Cardinale (esta, mais bela que nunca) acompanham-no de perto. Mas se a cópia que a RTP2 projectar porventura for a versão americana, amputada de mais de trinta minutos, dobrada em inglês e com as cores completamente atraíoadas - e não a nova cópia da versão integral italiana, data de 1983 - então quase que é melhor desistir de pactuar com a traição a esta obra magnífica. Quem o avisa...

Papillon

(Domingo, 00.45, SIC)

Contando com o chamariz certo de Dusty Hoffman, *Papillon* (já repetido várias vezes nos últimos três anos pelas várias televisões) é uma adaptação de Dalton Trumbo do romance homónimo de Henri Charrière que se debruça sobre as peripécias vividas por um prisioneiro da Ilha do Diabo nas suas sucessivas e frustradas tentativas de fuga. Interpretado, no principal papel, por Steve McQueen, o filme agarra sem margem para dúvidas o espectador (embora se ressinta bastante da sua exagerada duração), e foi realizado com a habitual eficácia por um especialista no cinema de acção - Franklin Schaffner.

Disparem Sobre o Pianista

(Segunda, 22.45, RTP2)

O drama impiedoso invade a carreira de um afamado pianista quando, um dia, após lhe ter confessado que o atraícoara com o seu empresário, a sua mulher põe termo à vida. O nosso herói emprega-se, então, como pianista num bar mas acaba por matar o proprietário após uma cena de ciúmes a propósito de uma jovem que era agora a sua amante, partindo ambos para se refugiarem na vivenda de um seu irmão que, por sua vez, era perseguido por um par de gangsters... Admirador confesso dos filmes americanos da série B, desde os tempos em que era crítico dos Cahiers du Cinéma, Truffaut dá aqui largas à sua paixão pelo género, misturando o melodrama mais repuxado ao suspense mais inquietante. A não perder!

Jules e Jim

(Terça, 22.45, RTP2)

«Partindo da situação mais escabrosa que existe - dois homens e uma mulher vivendo juntos durante uma vida - o que eu queria era erguer um filme de amor o mais puro possível, tendo por base a inocência das três personagens, a sua integridade moral, a sua ternura e sobretudo o seu pudor, graças ainda à forma de amizade entre as duas personagens masculinas.» Com estas palavras, descreveu um dia Truffaut o projecto deste seu magnífico filme, o segundo deste curto ciclo que a RTP2 lhe está a dedicar. O certo é que o realizador, ao contar-nos a história de um «triângulo amoroso» e da sua evolução através das conjunturas e das incidências da vida, conseguiu sem dúvida alcançar os seus objectivos. Uma obra-prima que é um prazer constante, iluminado por excepcionais interpretações de Jeanne Moreau, Oscar Werner e Henri Serre.

Duas Vidas, Um Destino

(Terça, 00.50, SIC)

Realizado por Chris Menges cineasta britânico responsável por filmes tão interessantes como, por exemplo, *Local Hero*, este filme é a crónica sensível dos problemas de solidão de um homem extremamente tímido que acaba por adoptar um jovem cujo pai expia uma pena na prisão. Com William Hurt num papel admirável, o filme conta ainda com as belas interpretações do jovem Chris Clearly Miles, Keith Allen e John Hurt.

A Noite Americana

(Quarta, 22.45, RTP2)

«Noite americana» é o termo técnico que, na terminologia profissional do cinema europeu, se aplica a um truque de filmagem (filmagem com sol a pique, utilização de filtros e subexposição) inventado pelos americanos e através do qual se conseguia imitar a noite fortemente iluminada pela lua, o que era consideravelmente mais barato em termos de produção. Daí a origem deste título que Truffaut utilizou para o filme hoje projectado pela RTP 2 e cujo argumento significativamente nos fala dos bastidores da rodagem de um outro filme e dos encontros e desencontros das suas personagens e intérpretes que o realizador escalpeliza admiravelmente do ponto de vista psicológico, ao mesmo tempo que analisa a complexidade das relações humanas em meio de uma criação artística. A propósito deste filme (galardoado em 1973 com o Oscar do Melhor Filme Estrangeiro) escreveu-se - e bem - que Truffaut havia colocado, sem responder, uma questão que sempre o terá acompanhado ao longo da sua carreira: «Será o cinema mais importante que a própria vida?»



Henri Serre, Oscar Werner e Jeanne Moreau, em «Jules e Jim», de François Truffaut



Mais uma foto de um filme de Truffaut: Jacqueline Bisset e Jean-Pierre Léaud, em «Noite Americana»

ÚLTIMAS

A TALHE DE FOICE

A estratégia dos Duponts

No Portugal dirigente regressado de férias chegou-se ao ponto em que o modo de fazer política assenta em dois expedientes.

O do desafio armado em ameaça.

E o da ameaça armada em desafio.

Com uma vantagem - os utentes de um e de outra podem sempre fazer recuos estratégicos: se «desafiam», desculpam-se que não estão a ameaçar, e se «ameaçam», garantem que não pretendem desafiar.

Esta semana os exemplos abundaram, prometendo uma *rentrée* animada.

Começando pelo PSD, tivemos o líder do seu grupo parlamentar, Marques Mendes, a «desafiar» por carta o Primeiro-Ministro António Guterres a apresentar-se na Assembleia da República para um debate parlamentar sobre o aumento da criminalidade.

Fazendo jus à sua veloz loquacidade, António Guterres asseverou, de Nova Iorque, não fazer intenção de se apresentar na Assembleia da República e, sobre tal assunto, «ameaçou» responder ao PSD «com actos e não com palavras».

Como se vê, tudo ficou nos conformes: ao «desafiar» o Primeiro-Ministro para um debate parlamentar, Marques Mendes não estava obviamente a cometer a grosseria de o ameaçar, enquanto António Guterres, ao «ameaçar» o PSD com a apresentação dos seus actos governativos em matéria de segurança, não pretendia de modo nenhum provocar o PSD com o acinte do desafio.

Pelo que, «ameaça» e «desafio» são uma espécie de Dupont e Dupond: mais do que se equivalerem neste léxico político, têm a adicional virtude de se anularem mutuamente.

Foi neste espírito que, também esta semana, o PP de Jorge Ferreira «desafiou» o PSD de Pacheco Pereira a que Ferreira do Amaral assumia a sua sugerida candidatura à presidência da Câmara Municipal de Lisboa, deixando clara a «ameaça» de que, se tal candidatura não ocorrer, o PP apresentar-se-á sozinho à conquista do município lisboeta.

Ficou também aqui evidente que o PP, ao «desafiar» Ferreira do Amaral a ser candidato da direita, não estava de modo algum a ameaçá-lo, tal como o PP, ao «ameaçar» o PSD de que iria concorrer sozinho, não punha nisso o mais leve desafio. Assim, Ferreira do Amaral, como não foi «ameaçado», pode sempre considerar o apoio do PP, enquanto o PSD, como não foi «desafiado», continua muito bem a tempo de juntar os trapinhos com o PP no caso da Câmara de Lisboa.

Entretanto, Narciso Miranda, na vastidão do seu talento estratégico, não teve dúvidas em desafiar e ameaçar simultaneamente «as oposições», por um lado, «desafiando-as» a derrubar o Governo através do chumbo do Orçamento de Estado e, por outro, «ameaçando-as» com uma maioria absoluta do PS nas consequentes eleições antecipadas.

É adquirido, no acutilante espírito de Narciso, que, ao «desafiar» as oposições, não está a ameaçá-las com o chumbo do Orçamento, bem como, ao «ameaçá-las» com a maioria absoluta do PS, não está a desafiá-las para eleições.

Ou uma coisa assim. Neste homem, que mobiliza as fanfarras da Comunicação Social para almoços onde os convidados não põem os pés, a interpretação das coisas carece geralmente de alguma largueza.

Tem sido neste entendimento que o PSD tem «desafiado» o PS, que o PS tem «ameaçado» o PSD e vice-versa ou que o PP tem desafiado e ameaçado tanto o vice como o versa.

Enfim, só conversa:

Espalhafatosa, manobradora, tocada a ambição mas igualzinha nas ideias que a movem.

Afinal de contas, no essencial querem todos o mesmo. Desafio-os a provar o contrário.

Diria mesmo mais: o contrário os desafio a provar.

■ HC

Decq Mota defende medidas específicas para economia açoriana

A Câmara do Comércio dos Açores entregou a uma delegação da CDU, encabeçada por José Decq Mota, um documento contendo um conjunto de propostas sobre política económica regional.

Durante a cerimónia, que teve lugar no passado dia 6 em Ponta Delgada, por iniciativa daquela organização empresarial, o Professor Monteiro da Silva, seu presidente, salientou o sentido geral das propostas apresentadas, tendo sublinhado ser fundamental a existência de um sistema fiscal adequado à situação de insularidade dos Açores.

José Decq Mota, após receber o documento, agradeceu a iniciativa

e sublinhou que a CDU/Açores defende muito firmemente a existência de medidas específicas para esta economia insular e distante, nomeadamente, medidas que façam descer os elevados custos financeiros das empresas e que moderem alguns custos económicos acrescidos que resultam da distância e do transporte.

O dirigente comunista sublinhou ainda «ser necessário o empenhamento da Região Autónoma, do Estado e da União Europeia no quadro do reconhecimento do direito a que esta economia regional tem que produzir de acordo com as suas possibilidades e necessidades».

A concluir, José Decq Mota garantiu à direcção da Câmara de Comércio dos Açores que a «CDU dará toda a atenção» às suas propostas e «continuará, permanentemente, a trabalhar para que a economia regional tenha as regras específicas de que necessita».

Em diálogo com os açorianos

Integrado na iniciativa «Em Diálogo com os Açorianos», realizou-se na passada terça-feira nas instalações da Cooperativa Agrícola «Bom Pastor», nas Arribanas, freguesia de Arrifes, um encontro

entre dirigentes e associados desta cooperativa e uma delegação da CDU/Açores dirigida pelo seu coordenador regional, José Decq Mota. A mesma delegação da CDU visitou ainda nesse dia as freguesias de Várzea, Ginetes, Candelária e Feteiras, no concelho de Ponta Delgada, estabelecendo contactos com as respectivas populações.

Para ontem, quarta-feira, estava prevista uma deslocação de José Decq Mota e de outros candidatos da CDU à freguesia de Capelas, primeira etapa de um programa que os levaria a visitar outras freguesias do concelho de Ponta Delgada.

Em causa redes de pedofilia e crime Sérgio Ribeiro suscita questão no Parlamento Europeu

O eurodeputado comunista Sérgio Ribeiro inquiriu o Conselho e a Comissão europeia sobre os trágicos acontecimentos recentemente ocorridos na Bélgica relacionados com redes de pedofilia. Tais factos, como assinala o parlamentar comunista, trouxeram designadamente a lume a ligação da perversão sexual com redes de tráfico diversas, incluindo de crianças, e com actividades de «aparência respeitável mas em que o único objectivo é a acumulação de dinheiro, não importando a cor, cheiro ou origem».

Entendendo que nenhum responsável político «pode ficar indiferente ao que se está a descobrir», Sérgio Ribeiro observa

que «não basta afirmar a indignação e o horror, dizer do repúdio e exigir condenação», importando, no âmbito da União Europeia, «ir mais longe», isto é, «ir além da epiderme purulenta».

«Não se pode ficar pela condenação dos monstros esquecendo as complicitades, os estímulos, o aproveitamento dos seus actos criminosos, anti-sociais, inumanos», sublinha Sérgio Ribeiro no texto da sua pergunta escrita àqueles órgãos do Parlamento Europeu, onde indaga sobre o que está a ser feito, no quadro das suas responsabilidades, relativamente a este caso.

Questionado é, concretamente, se há «listas de implicados nas redes de que os odientos

comportamentos ora conhecidos são meros elos», bem como sobre o que está a ser feito «para

que haja transparência e para que a opinião pública seja informada».

Homenagem a Jorge Peixinho

Integrado numa grande homenagem ao maestro Jorge Peixinho, decorre desde ontem, prolongando-se até ao próximo sábado, no Montijo, um seminário sobre a sua obra. Depois de ter sido abordada no primeiro dia da iniciativa a relação da escrita da obra de Jorge Peixinho com outros compositores contemporâneos, o programa do seminário, sob a orientação do maestro Aldo Brizzi, prossegue hoje subordinado ao tema «Como resolver problemas práticos de direcção» nas obras que compôs e sua metodologia de trabalho. Sempre a decorrer na Escola de Música do Conservatório de Lisboa, o seminário debaterá dias 13 e 14 a «Resolução prática de problemas de escrita em várias obras do grande

músico e maestro montijense.

No domingo, dia 15, será a vez de uma conferência que analisará a «Estética e relação da obra de Jorge Peixinho com outros compositores dos anos 60, 70 e 80», a decorrer no Montijo Parque Hotel, às 17.00 horas, a que seguirá, às 22.00 horas, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, um concerto cujo programa inclui peças de Jorge Peixinho e C. Rosa interpretadas pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, dirigida pelo maestro Aldo Brizzi.

No quadro da homenagem ao grande maestro - um dos maiores expoentes da música contemporânea - terá ainda lugar no próximo dia 1 de Outubro o concerto de lançamento da edição da partitura *Liseua Lyre* para guitarra clássica (1982), editada pela Musicoteca.

Esta partitura foi dedicada por Jorge Peixinho ao professor Lopes e Silva, que apresentará a edição da obra, estando a interpretação da mesma a cargo de um aluno seu, António Ferreirinha.

Carlos Carvalhas no Minho e na Madeira

Em Braga Quinta-feira, dia 12

O Secretário-Geral do PCP, a convite da Assembleia da Freguesia de Bouro - Santa Maria, concelho de Amares, distrito de Braga, visita hoje, dia 12, pelas 11.30 horas, o Santuário da Abadia. Seguir-se-á, às 14.00 horas, uma visita às instalações escolares do Bouro - Santa Maria, estando prevista, às 15.00 horas, uma passagem pelo Convento onde decorrem obras de reconstrução. O programa termina com um encontro na sede da junta de freguesia, às 16.00 horas, entre o Secretário-Geral do PCP e os autarcas locais, incidindo nos problemas recensados no decorrer das visitas.

Na Madeira Sexta-feira, dia 13

No quadro da pré-campanha eleitoral para as eleições regionais na Madeira, Carlos Carvalhas acompanha candidatos e apoiantes da CDU/Madeira numa acção de contacto com a população na Baixa do Funchal. Esta jornada, com início às 18.00 horas, tem como ponto de partida a Sé do Funchal.

Às 19.30 horas, o Secretário-Geral do PCP

acompanha candidatos da CDU/Madeira num encontro com moradores do Caminho do Moinho, freguesia de Santo António, Funchal.

Sábado, dia 14

O programa tem início às 10.00 horas com um visita ao Mercado dos Lavradores no Funchal, em que será acompanhado por candidatos da CDU/Madeira, seguindo-se, pelas 16.00 horas, a inauguração do Espaço Cultural da CDU, na sede do PCP, situada na Rua da Carreira, Funchal. Às 19.00 horas, Carlos Carvalhas acompanha os candidatos a um encontro com moradores da Lombada de Cima, na freguesia de Santa Cruz, concelho de Santa Cruz.

Domingo, dia 15

A partir das 08.30 horas, Carlos Carvalhas acompanha candidatos da CDU/Madeira em acções de propaganda eleitoral no Estreito da Câmara de Lobos e no Jardim da Serra, concelho de Câmara de Lobos.

Às 13.00 horas, o Secretário-Geral do PCP participa num almoço de apoiantes da CDU/Madeira no restaurante «A Parreira», no Funchal.

